O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 26 DE JANEIRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:763

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUESTÃO DO DIA.—A VERDADE HISTORICA.—DESMENTIDO.—A BARRA DE AVEIRO.—REPRESENTAÇÕES.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—AO CENTRO PROGRESSISTA.—NOTICIARIO.—A POLITICA EM ACÇÃO.—MENSAGEM.—BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TUBERCULOSE. O SEU TRATAMENTO.—CARTA DE LISBOA.—SESSÕES PARLAMENTARES.—SECÇÃO AGRICOLA: A INCULTURA DA VINHA, *por A. e B.*—SECÇÃO LITTERARIA: A' BEIRA DA MORTE, *por Edmundo de Amicis.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—CARTA DO PORTO.

AVEIRO

A QUESTÃO DO DIA

Era de prever. Todos podiam ser profetas sem que se engassem, uma vez que as cousas não fossem vistas pelo prisma das paixões. Os que estivessem como nós a sangue frio, não deixariam de concluir, que a attitude do commercio do Porto era sobreposse, e por tanto insustentavel. Collocando-se fóra da legalidade, predispunha contra si a opinião do paiz, que não se deixa ir na corrente das impressões de momento. E assim foi, tendo sido melhor que não tivessem havido manifestações contrarias aos dictames da rasão, pondo acima dos preconceitos partidarios, os interesses legitimos de uma classe respeitavel, que foi o joguete dos especuladores dos vinhos e dos politicos de meia tigella.

O que se passou na associação commercial na sessão de ante-hontem, foi a antithese das scenas tumultuosas que ali se representaram ha oito dias. E o que o illustre presidente fez agora, appellando em termos conciliadores para a interferencia da corôa, devia-o ter feito então, não consentindo que n'aquelle recintho o vozear das paixões chegasse ao diapazão do insulto contra o primeiro cidadão d'este paiz. Se ha oito dias o sr. barão de Massarellos, que se abona com o conhecimento das qualidades pessoaes [illegible] hortando-a paternalmente para que procedesse dignamente, honrando a nação e honrando a liberdade, não se teriam dado os desaguisados que todos lamentam, e o governo desopresso de comminações e de ameaças, teria facilmente preparado as cousas, para que o commercio não fosse prejudicado nos seus legitimos interesses.

Foi um erro, a que a experiencia do illustre presidente devia ter obviado. E por o não ter feito, e por haver consentido que os animos se azedassem em discussões intempestivas e de todo o ponto contrarias ás conveniencias commerciaes do Porto, é que os successos da semana foram um verdadeiro desastre para os que vivem das transacções nos seus estabelecimentos, para quem não aproveita a anarchia, para quem a alteração da ordem publica é já de si uma calamidade.

O commercio do Porto resolveu, mas bem aconselhado, aguardar que o governo delibere ácerca da questão da sellagem, que nunca devia envolver-se com a questão das companhias vinicolas, que é assumpto differente, e que em nada interessa ás lojas de modas, ás de fazendas de lã e algodão, a quem aquella formalidade póde difficultar as operações. Assim repostas as cousas no seu logar, separadas as duas correntes, que nunca se deviam ter confundido, compete agora ao poder executivo dar ao assumpto a feição que as circumstancias estão naturalmente indicando.

Tanto o sr. ministro da fazenda como o sr. presidente do conselho declararam que não acceitavam imposições, e que se o commercio se mantivesse dentro dos limites da legalidade, pela sua parte fariam quanto podessem para que fossem modificadas as asperesas do regulamento da sellagem. A associação commercial de Lisboa acceitou o principio da sellagem. Subordinado ao facto, o governo tinha-se compromettido a attender todas as reclamações justas dos interessados. E agora fazendo-o, cumpre um dever indeclinavel, porque superior á razão não ha considerações que possam prevalecer.

Duvidar das intenções do governo, seria desconhecer os honrados precedentes dos ministros da corôa irresponsavel. Sabemos que eram e são esses os seus propositos, e fiquem certos os interessados, que o seu procedimento de ante-hontem predispoz á conciliação, ainda os que mais se tinham azedado com as declamações inconvenientes e impoliticas, com que se pretendia arcar com a legalidade existente, suppondo que o governo cahiria aos empuchões da arruaça, preparada pelos interesses conservadores do commercio, que nunca devia amesquinhar-se em aventuras improprias do seu caracter.

Desfez-se pois a tramoia para ficar de pé apenas o que importa a uma cidade laboriosa, invencivel quando se apoia nos seus direitos, mas fraca e impotente quando a onda das paixões traz á superficie as impurezas da especulação ignobil, que é um insulto á magestade dos principios.

Que a licção aproveite a todos, para que não mais se deixem fascinar pelos effeitos da miragem. Tirem dos factos a conclusão os soffregos e impacientes, para que não se tornem a influenciar por considerações, que são uma verdadeira burla do systema representativo.

O movimento não tinha razão de ser e caiu. O paiz segregou-se d'elle, taxando-o de apocrifo. Os telegrammas forjados nos arsenaes da politica, foram logo desmentidos pelos factos. Nenhuma terra importante se associou á manifestação, que desajudada e inerte, não logrou sequer periclitar por espaço de oito dias. A breve trecho a reflexão deu-lhe o golpe de misericordia.

E' o caso de dar os parabens ao Porto, dando-os egualmente ao paiz.

A VERDADE HISTORICA

Lemos nos *Debates* umas cousas importadas de um pasquim, que teve pretenções a historiar factos que parece desconhecer. Referimos nos ao que se tem passado com a estatua de José Estevam, que ahi se procura explorar, como se em Aveiro não fossem bem transparentes as artimanhas dos especuladores.

O partido progressista local concorreu quanto em suas forças cabia para que se prestasse este testemunho de reconhecimento á memoria do homem illustre que é uma das glorias nacionaes.

Em 1881 estando ainda no poder o partido progressista, foi sollicitado do governo o bronze para a estatua. O sr. José Luciano prometteu fazel-o, mas a situação caiu em março d'esse mesmo anno, e aquella promessa não poude realisar-se. No entretanto a commissão da estatua foi agradecer ao sr. Manuel Firmino a sua leal coadjuvação, perque foi a elle que se dirigiu para fazer aquelle pedido.

A fundição da estatua resolveu-se e effectuou-se sendo governo o partido progressista, trabalhando effiazmente n'este sentido não só os deputados do circulo, mas tambem o partido progressista local.

Estes são os factos, que singelamente narramos, e que por isso mesmo dispensam commentarios.

Agora o mais que temos a dizer. A inveja foi sempre má pedra de toque para aquilatar os meritos alheios. E talvez seja esse o motivo porque nem collocado em cima do pedestal amassado pela injuria e pela calumnia nós tenham sido visto os Morands, que pretendem fazer figura attribuindo aos outros as faltas de que são reus confessos. Serviços á terra... nem um só apresentam que os recommendem. Jogam o vocabulario do doesto, e fazem-se eco das proprias proezas.

Não precisamos de adular, porque o que fazemos tem o cunho da mais completa expontaneidade. Nunca fomos invejosos das boas fortunas dos outros. Vamos seguindo nosso caminho sem nos importarem as iras ou os assomos bravos de quem quer que fôr. Não precisamos da consideração dos especuladores, exaltando-nos quando nos injuriam, assim como nos deprimiam quando nos elogiavam.

Quanto a ter sido inutilisada a eleição de 19 de setembro, silencio. Desde que os pronunciados pelo poder judicial são os amigos e correligionarios das gentes da opposição, a esta cabe exclusivamente a responsabilidade dos successos, que n'aquelle dia convulsionaram Aveiro. Calem-se, senão querem que publiquemos a lista dos indiciados em que figuram os seus nomes. Sejam ao menos discretos, já que sabem ser petulantes.

Agora á commissão do monumento. Sabemos que não é obra d'ella a declaração, que acabamos de lêr nos *Debates*. Condescenderam em a assignar sem medir a responsabilidade, o que, se foi fraqueza, merece por isso mesmo correctivo. E' publico e notorio e nós sabemos por as referencias d'alguns vogaes da mesma commissão:

1.°—que a maioria não estava disposta a envolver-se na questão das irmãs hospitaleiras, entendendo que a estatua de José Estevam e a sua inauguração nada tinham com o pessoal interno do hospital, porque eram cousas completamente distinctas;

2.°—que é verdade não ter a commissão o dinheiro preciso para custear as despezas da inauguração da mesma estatua, e tanto que tinha resolvido promover mais alguns espectaculos publicos, e recorrer a nova subscripção, quando por aquelle meio não podesse arranjal-o;

3.°—e tanto isto é verdade, que apesar da declaração irreflectida, que acabamos de ler, a commissão o confessa nos seguintes termos:—«que não obstante alguns individuos não terem pago as quantias com que subscreveram, é todavia falsa a allegação de que a estatua não foi, nem será tão cedo inaugurada por falta de meios para os festejos, «*pois em regra taes meios só se pedem e obteem na occasião em que aquelles se promovem.*»

Aqui a commissão doclara bem explicitamente que ha de arranjar dinheiro, por o não ter, para os festejos, sendo falsa a tal *regra* com que o auctor da declaração quiz colorir o embuste.

Repetimos: a commissão foi arrastada pela minoria para se envolver n'uma questão que lhe era defeza, e se então andou mal, agora procedeu peor tentando negar em publico a verdade dos factos que afinal teve de confessar muito explicitamente na mesma declaração. E já que por accinte, suppomos que estranho á maioria d'ella, referiu um nome só dos individuos que não satisfazeram a importancia das suas subscripções, exige a justiça que publique o de todos aquelles que se acharem em eguaes circumstancias. A excepção é odiosa e por tanto inadmissivel, vendo-se por ella que se deixaram embair por sugestões de desleaes conselheiros.

Quanto aos commentarios com que os *Debates* precedem a declaração, diremos que pertencem aos Analides e por tanto teem para nós e para o publico imputação egual ás calumnias dos seus congeneres de cá.

São dignos uns dos outros.

DESMENTIDO

Ao *Seculo* contaram umas patranhas sobre o sorteio dos mancebos recenseados para o serviço do exercito, na freguezia da Vera-Cruz, e a folha lisbonense nem sequer as digeriu, estampando-as com uns commentarios azedos e destemperados. Pois saiba o contemporaneo que tudo se passou regularmente n'aquelle acto, e tanto que não houve reclamação alguma dos interessados. E se as cousas tivessem corrido d'outro modo, os prejudicados teriam uzado convenientemente dos seus direitos, não constando que alguem o fizesse, antes sabendo-se exactamente o contrario do que o *Seculo* impingiu hontem aos seus leitores.

A BARRA D'AVEIRO

Volta á tela da discussão a momentosa questão da nossa barra, em consequencia da patriotica propaganda do nosso devotado e estimadissimo collega do *Parlamento*, o sr. Fernando de Vilhena.

Os seus artigos vehementes e inspirados só no amor á sua patria, cujo futuro vê ameaçado por uma crise temerosa se não se prover de remedio ao calamitoso estado em que se acha o nosso porto maritimo, e bem assim a immensa ria que constitue o seu interior, acharam ecco em todos que amam esta terra, com exclusão apenas d'uns exaltados pelo facciosismo politico, que os cega a ponto de se affastarem do caminho seguido pelos mais intransigentes adversarios do nosso amigo, que, honra lhes seja, foram os primeiros a levantar a sua voz no movimento da opinião, que pede que o solicito governo, que felizmente se acha á frente dos destinos do paiz, e que tão patrioticamente se tem devotado á causa dos melhoramentos publicos, olhe com attenciosa preferencia para a situação anormal da barra d'Aveiro e sua formosa bacia, outr'ora tão frequentada pelas mais preciosas especies das aguas salgadas, e presentemente, em rasão dos terriveis assoriamentos, prestes a ser motivo d'uma crise de fome e de miseria.

Da barra d'Aveiro unica e exclusivamente depende o engrandecimento d'esta circumscripção, e tanto assim se tem entendido em todos os tempos, que se tem gasto ali milhões, mas sem grandes resultados praticos. Homens eminentes na sciencia e na pratica se tem occupado do seu melhoramento, cujas memorias existem; mas é certo que ultimamente, apesar dos esforços dos homens competentes, a barra está pessima, e o porto maritimo n'um estado desgraçado. Ou a sciencia se illude, ou a natureza zomba dos calculos humanos!

Mas um tal estado não se póde prolongar demasiado, sem affectar os interesses de muitos milhares de familias, e por isso é louvavel e sancto o clamor de justiça que se levanta n'esta cidade, sem distincção de partidos, nem de classes; é sincero e digno o afan com que a camara municipal de Aveiro, as corporações administrativas, as associações, e as classes populares representam ao augusto chefe do Estado, chamando a sua solicitude para o estado em que se encontra a barra e o porto de Aveiro, esperando confiadamente no zelo provadissimo do nobre e incansavel ministro das obras publicas, que tem sido o braço mais potente dos ultimos e grandiosos melhoramentos nacionaes.

Urge, que uma commissão de engenheiros venha aqui examinar as obras emprehendidas e os seus resultados, e dê o seu esclarecido parecer de modo a habilitar o governo a proceder conforme a gravidade das circumstancias. Para isto devemos contar tambem com o apoio de distinctos parlamentares, cujo amor á causa publica é manifesto, e que decerto levantarão a sua voz a nosso favor no seio da representação nacional.

REPRESENTAÇÕES

Damos em seguida publicidade ás representações que pela Commissão Executiva da Junta Geral d'este Districto, e pela Junta de Parochia da Vera-Cruz foram dirigidas ao governo, pedindo os melhoramentos da Barra d'Aveiro. Estas representações foram já entregues pelo nosso querido collega e amigo o sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães ao nobre ministro das Obras Publicas, que prometteu ao distincto parlamentar tomal-as na devida consideração e dispensar á Barra d'Aveiro toda a sua protecção.

Bem haja, pois, o illustre ministro, que assim deixará vinculado o seu nome ao maior e mais importante melhoramento d'este districto, e o nosso presado amigo dr. Barbosa de Magalhães que tão devotadamente se dedicou á defeza dos nossos interesses. Felicitamos tambem o nosso collega do *Parlamento*, que tão briosamente levantou a questão da Barra e que, arrostando com todas as difficuldades, vae em breve vel-a resolvida satisfactoriamente para a cidade.

SENHOR.—Nunca uma população laboriosa teve diante de si uma crise tão grave como a que na actual conjunctura se prepara para assaltar a tranquilidade de toda a beira-mar do districto d'Aveiro. Tem esta grande circumscripção presos á barra e á ria todos os seus mais valiosos e legitimos interesses, todas as manifestações da sua existencia social, todos os elementos da sua prosperidade.

Desde Mira até Ovar, n'uma extensão de 45 kilometros, exercem a sua actividade muitos milhares de familias, que se sustentam exclusivamente da pesca, da colheita do sal, da apanha das algas, que são o mais poderoso recurso da agricultura local, e de todas as multiplas transacções correlativas a estas importantes industrias. Profundamente feridos se acham agora esses interesses pelos constantes assoriamentos manifestados na bacia interior, e em perigo de desapparecer o enorme estuario d'Aveiro, que podia ser, convenientemente aproveitado, um dos mais poderosos elementos de riqueza publica.

A errada orientação, que se tem dado ás correntes, e as obras ultimamente emprehendidas na intensão de melhorar o unico porto maritimo d'este districto, produziram não só a annullação da corrente principal, e consequintemente o deploravel estado da barra, mas ainda os assoriamentos que se notam na ria, e que ameaçam tornar este vasto emporio piscicula n'uma leziria improductiva, incapaz de sustentar as numerosas classes, que d'ella tiram a sua subsistencia ordinaria. Temos, portanto, Senhor, deante de nós um futuro de embaraços e difficuldades, que promoverão a crise da fome entre uma população de muitos milhares de individuos, e que será talvez o inicio de um longo periodo de provações e de miserias, se o alto criterio e o tino administrativo que tão gloriosamente tem assignalado a passagem do actual governo de Vossa Magestade pelos conselhos da Corôa, não prover de remedio immediato esta situação excepcionalmente perigosa para todo o districto d'Aveiro.

E', pois, em tão embaraçosa situação, que a Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do Districto d'Aveiro, compenetrada das responsabilidades que sobre ella pezam em tão apertada e difficil conjunctura, vem respeitosamente representar perante o Augusto Chefe do Estado, pedindo que se adoptem providencias immediatas para melhorar a barra d'Aveiro, que tanta importancia exerce nos nossos destinos, como centro da navegação costeira e como elemento de riqueza districtal. E', pois, á aproximação de uma crise tremenda, de largas e graves consequencias, que esta Commissão Districtal, na sua qualidade de legitima representante de todo o districto d'Aveiro; esperando da solicitude e assombrosa iniciativa do governo de Vossa Magestade, a solução de tão importante problema

> Pede a Vossa Magestade que Haja por bem ordenar sejam estudados por uma commissão de engenheiros os melhoramentos da barra e interior do porto maritimo d'Aveiro, e que as obras a executar sejam dadas por empreitada, em prazo curto e certo, para bem da navegação e das industrias da pesca, do sal e da agricultura, e em proveito do proprio Estado.
>
> E. R. M.

(Seguem as assignaturas.)

—

SENHOR!—A Junta da parochia da freguezia da Vera-Cruz, onde reside a classe piscatoria da cidade de Aveiro, no cumprimento de um dever sacratissimo, vem respeitosamente aos pés de Vossa Magestade pedir providencias para o estado calamitoso em que se encontra o porto maritimo de Aveiro bem como a ria que, constitue o interior d'esse porto.

Grandioso emporio commercial foi já esta terra, quando os pescadores d'Aveiro sahiam ousadamente a barra para exercer nos bancos da Terra Nova a sua arriscada profissão, e quando a formosa bacia, que se alarga n'uma extenção de 27 milhas, era frequentada pelas mais preciosas especies que habitam as aguas salgadas. Eloquentes tem sido as provas de que esse periodo aureo passou para não voltar tão cedo, e para ser subtituido pela crise da fome e da miseria, que breve baterá ás portas dos infelizes, que todas as horas arriscam a vida para conseguirem o pão de cada dia.

E' pois, Senhor, nas vesporas de uma situação gravissima para a maioria dos povos d'esta freguezia e sem duvida de todas as da beira-marinha do districto d'Aveiro, que esta Junta de Parochia vem pedir a protecção de Vossa Magestade e confiar-se ao patriotismo com que o governo de Vossa Magestade se tem devotado á causa dos melhoramentos publicos e de que tem dado provas eloquentes, que ninguem ousa contradizer; é, pois, em nome do futuro e dos destinos d'uma grande população laboriosa e honrada que

> Pede a Vossa Magestade Haja por bem ordenar que sejam estudados por uma commissão d'engenheiros os melhoramentos a emprehender na barra d'Aveiro e no interior do porto, dando-se, em seguida, de empreitada as obras que se entenderem necessarias a esses melhoramentos e impondo-se ao empreiteiro a obrigação de executal-as em praso certo e determinado.
>
> E. R. M.

Aveiro, 10 de janeiro de 1889.

A Junta de Parochia da Vera-Cruz.

COMMISSÃO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 17 DE JANEIRO DE 1889

Deliberou não suspender a deliberação da camara municipal da Feira com relação a adquirir diversas parcellas de terreno para a construcção d'um mercado em Espinho.

Deliberou nomear mestre de muzica e canto coral da secção Barbosa de Magalhães do Azylo-escola districtal, a José Pinheiro Nobre, d'esta cidade, com o ordenado annual de 140$000 réis.

Não usou do direito de suspensão quanto ao orçamento ordinario para o corrente anno civil da camara municipal de Vagos.

Fez a distribuição das quotas com que as camaras municipaes d'este districto teem de concorrer no corrente anno civil para as despezas com expostos menores de 7 annos, que existiam em 31 de dezembro de 1886, a cargo da Junta Geral.

Deliberou que se communicasse ás mesmas camaras a referida distribuição.

AO CENTRO PROGRESSISTA

FOZCOA 24 DE JANEIRO DE 1889.

Aqui como em toda a parte ha dois partidos. São reaes e verdadeiros, por que se não confundem um com outro; porque têem, não só ideias, mas factos muito distinctos e separados, porque nunca fizeram fusões nem infusões, mais ou menos immoraes; porque não ha, sequer, possibilidade de se chegarem a confundir nunca. Esses partidos são: um dos regeneradores, outro dos progressistas.

O partido dos regeneradores é antigo, e atrevido, e impudente, e tem por seu todo o mundo, porque não tem vergonha.

O partido progressista é muito maior do que aquelle, mas é honesto, é ingenuo, tem boa fé e sinceridade, e, tendo a força do leão, tem a brandura de um cordeiro. O partido regenerador é um parasita do partido progressista, vive n'elle, come d'elle; não tem existencia propria, e muda de nome sem mudar de natureza nem de costumes. No regimen liberal já se chamou *devorista*, já se chamou *cartista*, já se chamou *cabralista*, já se chamou *conservador*, e hoje chama-se *regenerador*. Este é o partido que vive dos dentes, e que morre quando algum dente lhe cáe.

Este partido tem dois chefes: um vizivel e outro real, dos quaes um anda sempre a esconder-se atraz do outro, de modo que ninguem saiba qual é o effectivo. Um chama-se Carlos Maria Tavares, outro chama-se Julio Antonio Luna de Moura. Pômos os nomes por ordem alphabetica, porque não queremos levantar questões de preferencias, e realmente não sabemos qual dos dois vale mais, ou qual dos dois vale menos. Sabemos só que nem reunidos valem um homem. Apesar de ser um mais *gordo do que outro, é difficil dizer qual* dos dois come mais, mas sabemos que são a norma e o modelo da turba famelica dos seus parciaes. Estes aspiram a ser tanto como elles, e a comerem tanto como elles comem e teem comido.

Ligados pelo cordão umbicular dos interesses pessoaes, são dois irmãos siamezes, cada um dos quaes não póde viver sem o outro. No dia em que o Carlos faltasse ao Moura, este era um João-ninguem na sua terra; no dia em que o Moura faltasse ao Carlos, este ficava como a cobra sem a peçonha, como o cego sem o seu cão, como um poço sem agua, como um navegante sem bussola, como um corpo sem alma. Não nasceram juntos, não se criaram juntos, não se conheceram pequenos, porque entre os dois se mettia de permeio toda a escala social. Encontraram-se, porém, um porque desceu, e outro porque subiu. Mas encontraremse foi adherir. Um só iman os attrahiu e prendeu. Esse iman é o caracter. Um está para o outro como duas linhas rectas que tenham os pontos communs. Ambos são frivolos, ambos são prodigos, ambos são banaes, ambos são patuscos. Abraçaram-se, proclamaram a patuscada, e nunca mais se separaram. E', pois, contra estes dois *cidadãos* e sua turba que vamos dirigir as nossas settas vulneraveis e de grande alcance. Limitar-nos-hemos o mais possivel á narração dos factos que occorrem e têem occorrido no seio da mesma turba. Havemos de sacudir os parasitas, e pouco nos importa que morram esmagados contra os rochedos ou que mergulhem no lodo d'onde sahiram.

O nosso partido não morre nunca. Estamos com elle, e com elle venceremos.

Julião.

NOTICIARIO

Mais um!—Falleceu em Oliveira d'Azemeis o sr. José da Costa Raimundo—um velho liberal e um velho patuleia.

Nosso companheiro nas luctas armadas e nas luctas civicas desde 1844, o seu passamento causa-nos uma dôr lanceante, porque vemos rarear-se cada vez mais esta já muito restricta fila de batalhadores, que foram, nas horas calamitosas que vão passadas, valentes campeadores da liberdade—mais que campeadores valentes, verdadeiros heroes.

Velhos companheiros dos mortos honrados, que foram—no nosso meio e no nosso tempo—os nossos centros e os nossos guias—José da Costa Souza Pinto Basto e Antonio Bernardo da Costa Pinto — velhos companheiros d'esses honrados mortos, quantos restam ainda—quantos apenas somos?

De alguns centenares que eramos, pouquissimos restamos já!

Chorando sobre a campa do companheiro que a morte acaba de roubarnos, e lamentando a sua falta, cumprimos apenas dever de camarada fiel, de velho soldado e de verdadeiro amigo.

Que o extincto goze a paz do Céu.

Marcos postaes.—O nosso estimavel collega do *Parlamento* pede justamente a adopção dos marcos postaes n'esta cidade, como uma medida de altissima importancia, e que muito ha de favorecer os interesses da população e facilitar todas as suas relações e transacções. Por este motivo solicitâmos do zelo e benevolencia do illustre director geral dos correios e telegraphos, o ex.^{mo} sr. conselheiro Guilhermino de Barros, se digne ordenar que sejam collocados dez marcos postaes, nos seguintes pontos da cidade:

Quartel do Principe D. Carlos; rua do Gravito, em frente da egreja da Vera-Cruz; Alto da rua de José Estevão; centro da rua de S. Roque, proximo á praia da Cruz; Bairro Novo do Rocio; Praça do Peixe; Praça do Commercio; Bairro do Conselheiro Queiroz; rua de Anselmo Braamcamp; e Espirito Santo.

A exposição de vinhos em Berlim.—Vê-se que o nosso districto se fez representar dignamente n'aquelle certamen, pois obteve os seguintes premios:—1.° premio: Albano Coutinho, Anadia; 2.° premio: Conde de Castello de Paiva, Castello de Paiva; Antonio Augusto da Costa Simões, Luiz Ruivo de Figueiredo, Mealhada; 3.° premio: Eduardo Guedes de Mello, Castello de Paiva; José Ferreira Portella, Anadia; e J. C. Sereno & Filho, Oliveira do Bairro. Damos aqui os nossos parabens aos illustres interessados.

Commissão do recenseamento politico.—Installou-se hontem nos paços do concelho esta commissão, sob a presidencia do sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, vice-presidente, no impedimento do presidente. As reuniões devem ter logar nos dias 1, 5, 7, 9, 11, 17 e 19 de fevereiro proximo.

Revista do fôro portuguez.—Entrou já no quarto anno da sua publicação este conceituado jornal de jurisprudencia, de que é redactor o ex.^{mo} sr. Barão de Paçô Vieira (Alfredo), dignissimo delegado do procurador regio na 3.ª vara civil do Porto, com a collaboração effectiva de distinctos jurisconsultos, em cujo numero entra o nosso dilecto collega, dr. Barbosa de Magalhães.

Esta indispensavel publicação portuense contém: uma secção doutrinal, secção pratica para cada ramo de direito, o commercial, civel, penal, administrativo e fiscal e ainda outra para jurisprudencia dos tribunaes.

Sem exemplo.—Uma folha lisbonense, que não prima tambem pela delicadeza ou sequer pela moderação de linguagem, reedita de vez em quando as cavilosas insinuações que um bando infame de pequenitos especuladores lhe envia d'aqui n'um papel sujo, negro como o terror, repulsivo como o crime, que não vemos, que não queremos ouvir sequer.

Para que, porem, por uma vez mais, saiba a enlameada consciencia que o escreve, o papel sujo, negro como o terror, repulsivo como o crime, que é a nodoa da imprensa e a deshonra da instituição, que não chega sequer a merecer o nosso desprezo, repetimos: não nos importa que a frandulagem assalariada continue a desvirtuar as intenções mais santas, a só julgar bem dos cumplices o que a consciencia honesta condemna, ou a occultar o que, por digno e louvavel, fôr da iniciativa adversaria.

Deixamos no exercicio da sua profissão deshonrosa essa multidão anonyma de insignificantes, de marinheiros infelizes e de typographos reles, no papel sujo, negro como o terror, repulsivo como o crime.

Vão sem exemplo estes pequenos periodos; registre-se bem, no entanto, que quem os escreve terá a coragem de dizer-lhes, talvez breve, quem são, de onde vieram e o que precisam.

Gremio Aveirense.—Reuniu na quinta-feira a assembleia geral para approvação de contas, e eleição da nova direcção, que ficou composta dos seguintes srs:—Presidente da assembleia geral—coronel, Bento da França; vice-presidente, dr. M. J. Massa; primeiro secretario, Egberto de Mesquita; 2.° dito, A. D. da Silva. Direcção:—Presidente, E. F. Pereira; directores, Bento da França, dr. Joaquim de Mello, F. da S. Monteiro; secretario, J. A. dos Reis, e thesoureiro, J. M. d'Azevedo.

Por lá como por cá.—O nosso estimado collega da *Soberania* conta-nos, nas linhas que seguem, o seguinte caso:

> «Circularam ante-hontem n'esta villa boatos da queda do ministerio. Os ingenuos deram credito á noticia e era bonito verem-se as physionomias de alguns individuos que se julgavam já sentados á meza do orçamento a roerem o magro osso de escripturarios de fazenda e administradores substitutos. Ficava-lhes bem aquella alegria! Mas o peor é que os telegrammas publicados nos jornaes desfizeram todos os planos e projectos que se tinham já combinado. Descancem que o governo está firme. Não cáe nem póde cair.»

Por cá succedeu o mesmo. Tranquillizem porém os seus espiritos, soceguem, que a situação está para durar ainda muitos e dilatados annos.

Exercicio.—O regimento de cavallaria 10, sob o commando do seu digno coronel, o sr. Bento da França, saliu na quarta-feira de manhã em passeio a cavallo até á Oliveirinha.

Comicio.—Houve no domingo na villa da Feira, a fim de representar ao governo, pedindo a permanencia ali d'um corpo militar.

As piscinas.—Escoaram-se nos ultimos dias alguns dos viveiros da ria, entre os quaes o do Côjo e o dos Santos Martyres. Por este motivo appareceu abundantemente fornecido de excellente peixe fresco o mercado d'esta cidade, vendendo-se para o consumo e exportação todo o que appareceu.

A quem convier.—Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio, que com este titulo vae publicado na secção competente.

Noticias de Oliveira d'Azemeis.—A imprensa da opposição disse por ahi que o commercio d'Oliveira d'Azemeis havia adherido ao movimento do Porto na parte respeitante á sellagem. Sobre o assumpto escreve um collega nosso d'ali, o seguinte:

> «Um jornal do Porto publicou um telegramma d'esta villa, em que alguns cidadãos (e duas *cidadôas*), declaravam que, em nome, ou como representantes do commercio d'esta villa, que adheriam ao movimento do Porto na questão da sellagem.
>
> Estranhamos esta declaração, já porque sabemos que os signatarios do telegramma não obtiveram o assentimento previo do commercio d'esta villa, e de muitos commerciantes respeitaveis sabemos não adheriram por forma alguma a semelhante manobra; já por que, entre os que protestam contra a sellagem, figuram alguns revendedores de vinho, que nenhum interesse podem ter como commerciantes na questão da sellagem; já por que, figurando no protesto duas senhoras, nos parece que, n'esta villa, não está tão praticamente resolvido o problema da intervenção das mulheres nos negocios publicos, que possamos admittir que essas adhesões fossem espontaneas. Tudo, pois, nos leva a crer que as assignaturas d'esse protesto foram dadas por mero favor, e n'este caso a manifestação assume umas proporções tão insignificantes que, para bem da questão politica e do movimento do Porto, seria muito melhor não se haver publicado esse telegramma.»

Realmente, a não ser para fazer rir a gente, não sabemos para que os jornaes do Porto, desaffectos á situação, escrevem noticias de tal ordem.

Pois que interesses podem ter na sellagem os commerciantes de Oliveira d'Azemeis, de S. Pedro do Sul, das Caldas de Moledo, de Meda, de Penedono, da Seixa, e de outras povoações d'esta ordem?

Por quem são, não se prestem assim a um ridiculo tão completo.

Noticias de Braga.—Em 24.—Telegrammas, dirigidos ao governador civil, noticiam um acto de vandalismo insolito e inclassificavel, praticado no Gerez. A camara municipal, e muitos populares das freguezias de Coitide e S. João do Campo, dirigiram-se á serra, onde se fizeram plantações de arvores exoticas, e obrigaram os trabalhadores a abandonar o serviço; depois arrancaram as arvores, lançando-as ao ar e dando vivas, e retiraram-se contentes de haver praticado essa boa obra. Em toda a região do Gerez porem reina completo socego.

Noticias da Regoa.—Em 24.—O grande comicio de lavradores do baixo Corgo (concelhos da Regoa, Santa Martha e Mesão-frio) realisa-se no dia 3 de fevereiro proximo. No domingo, 27, haverá reunião de lavradores e socios da Liga dos lavradores do Douro, com a assistencia dos srs. conde de Samodães e Manuel Pestana.

Trata-se da fundação d'uma grande cooperativa para os socios da Liga e lavoira em geral, fornecendo directamente o estrangeiro e a praça de Lisboa,

A alimentação dos reis.—Um cronista do *Gaulois* publicou ha dias um artigo em que fazia revelações sobre algumas mezas de soberanos europeus. Resulta d'ahi que varios monarchas teem um serviço bem mais modesto do que muitos particulares. A rainha Victoria come á escoceza. Principia o seu jantar por uma especie de papas de farinha d'aveia. Bebe Xerez pallido n'uma taça de prata, maravilhosamente cinzelada, e que a rainha Anna usou. Come um pão especial feito para ella, pequenito, muito cosido e côr d'ambar. A meza está sempre adornada de grande quantidade d'orquideas, a mais luxuosa e bella planta ornamental, e é illuminada por grande numero de velas, em castiçaes de ouro. Os pratos que lhe servem são sempre ao natural: peixes cosidos, carnes assadas no especto ou a fogo brando, e legumes cosinhados em agua e sal. Os pratos favoritos da rainha da Suecia são sopa de cevada cosida em leito, beeftaks, almondegas cercadas de rodellas d'ovos e salmão cortido em neve.

Na corte de Berlim a comida é puramente allemã e burgueza, a mais não poder ser.

Uma tragedia d'amor—Por um crime muito similhante ao que foi praticado ha poucos mezes em Constantina, pelo estudante Chambige, foi ha dias julgado no tribunal de Genebra um chileno, de 19 annos de edade e de nome Luiz Gormaz.

Era accusado de ter assassinado uma rapariga austriaca, Carla Sottlin, que elle perseguia com uma paixão de allucinado. Como o criminoso de Constantina, o criminoso de Genebra declarou que amava e que era amado pela sua victima, que a matou com intenção de em seguida se suicidar, e que ambos tinham resolvido morrer! Estranha coincidencia! Como ainda no crime de Constantina, Luiz Gormaz disparou o tiro certeiro na fronte de Carla, e a bala que disparou contra si proprio apenas lhe contundiu muito de leve a epiderme!

Carla Sottlin passava por ter fortuna; mas descobriu-se que vivia de uma pequena pensão, que lhe enviava uma pessoa da familia. Seu pae morrera ha muito tempo e sua mãe achava-se ha muitos annos recolhida n'um asylo de alienados. Preoccupava-se do seu futuro, e pensava em fazer-se amazona do circo.

Todas as testemunhas, que depozeram no tribunal, confirmaram que a pobre rapariga era honesta. O assassino é um rapaz violento, ocioso, arrebatado. Fora nos primeiros annos da sua juventude expulso de todas as casas e collegios em que estava. Ainda ultimamente, a pedido do pae, fôra preso. A sua figura é pouco sympatica com uma physionomia banal e pouco attrahente, com todos os signaes do vicio precoce.

Foi em fevereiro do anno passado que conheceu Carla, a quem logo fez uma côrte insistente. A rapariga, que vivia na mesma casa em que habitava Gormaz, para se ver livre das suas perseguições, mudou de habitação. Gormaz seguiu-a de novo, e declarou no tribunal que a procurava, não para esposa, mas para amante.

Uma vez, disse-lhe Gormaz que partiria de Genebra, se ella fosse com elle passeiar de carruagem. Carla, acreditando na promessa, acceitou o convite. Quando estavam a ceiar, levantou-se entre os dois uma viva discussão, na qual ella lhe chamou imbecil. Finda a ceia, dirigiram-se para um terraço, onde Gormaz perpetrou o assassinio.

Segundo o depoimento dos donos da hospedaria, em que Gormaz tinha estado, vê-se que o rapaz era um verdadeiro *coureur de femmes*. D'uma vez, encontraram-lhe no quarto um espartilho de mulher; d'outra vez tinha uma mulher escondida n'um armario.

A audiencia foi extraordinariamente concorrida, e muito calorosos os debates dos advogados.

O jury reconheceu o crime de assassinio sem premeditação; reconheceu as attenuantes, e condemnou o réu a cinco annos de prisão.

A POLITICA EM ACÇÃO

E' do *Correio da Noite*, de 24, o seguinte artigo:

«O que os periodicos da opposição chamam o movimento do Porto não é mais do que a alliança occulta dos interesses, puramente mercantis, de uma classe mal encaminhada com os planos ambiciosos da triste politica partidaria do nesso tempo. A politica senhoreou esse movimento, domina-o, e está-o aproveitando com a costumada habilidade, mas tambem com o costumado infortunio. Para que ninguem duvidasse da influencia que nas manifestações dos commerciantes do Porto põem as paixões facciosas dos adversarios do governo, o sr. Moreira da Fonseca foi á *gare* de Campanhã fazer as suas despedidas aos commissionados da colligação portuense e fazer um discurso vehemente de accusações ao ministerio.

O impaciente chefe regenerador poz a verdadeira nota no que se está passando na capital das provincias do norte. Isto já não é a reclamação de uma classe que pede protecção para os seus direitos e para os seus interesses:—é a ambição dos partidos que se affirma claramente, a proposito de um conflicto que devia ser resolvido pelo patriotismo de todos e por meios decorosos e dignos.

A questão foi posta por maneira perfeitamente irreductivel. O ministerio não póde affastar-se da linha recta da dignidade do poder.

Transige-se muitas vezes em assumptos de administração publica, pondo de lado as idéias que mais tarde terão a sua hora de execução completa; transige-se tambem por uma suggestão superior dos interesses sagrados da patria; mas nunca se ha-de transigir com a honra dos partidos, nem com o decoro dos poderes publicos. A voz do sr. José Moreira da Fonseca não tem ecco para além do acanhado ambito em que foi lançada. Vê-se que a comminação que se fez ao governo nas reuniões do edificio da Bolsa foi insinuada pelo espirito sagaz do tribuno de Campanhã.

Foi uma comminação inutil e esteril, mas viu-se logo n'ella os intuitos que a inspiravam. Os governos não obedecem, assim, ás intimações, formaes e arrogantes, que lhes são feitas em nome de quaesquer interesses ou em nome de quaesquer despeitos.

Fecharam as portas das suas casas commerciaes muitos interessados na abolição da lei da sellagem. Peior para esses, que não fazem o seu negocio e que perdem nos seus interesses.

Eram outros os tempos em que cahiam as situações ao encerrarem-se as portas das casas de commercio, quando o encerro era geral e a nobre cidade do Porto se unia contra os governos. Hoje, fecham-se algumas casas, mas abrem-se muitas ás transacções quotidianas, e não ha unidade nem pensamento patriotico nas ruidosas manifestações de um grupo de homens que pedem para si e não pódem fallar em nome do paiz e da justiça.

Os intuitos do governo são conhecidos. O governo insistiu com os negociantes de tecidos para que se esclarecessem os pontos que porventura fossem considerados obscuros nos diplomas promulgados sobre a sellagem. Os negociantes responderam que fosse o governo ao Porto tratar com elles, frente a frente. Agora, dizem que nem sequer tratam com os ministros e que os ministros hão-de revogar a lei e curvar-se deante da sua omnipotencia.

Estão muito enganados os negociantes do Porto, ou, antes, está muito enganado o sr. José Moreira da Fonseca».

MENSAGEM

Damos em seguida publicidade á mensagem, que uma commissão de empregados telegrapho-postaes d'esta cidade, foi no domingo ao Porto depôr nas mãos do ex.^mo^ sr. Xavier de Carvalho, digno chefe da estação telegrapho-postal d'aquella cidade, e é como se segue:

«Illmo e ex.^mo^ sr.—Ao depôr na mão de v. ex.ª a nossa adhesão ao movimento que a classe telegrapho-postal iniciou em favor da melhoria das suas precarias circumstancias, e as adhesões de todas as direcções e estações que se ligaram a nós pelos laços da confraternidade mais expontanea, a commissão executiva e delegada dos empregados telegrapho-postaes d'Aveiro saúda em v. ex.ª o vulto venerando da Telegrahia Portugueza e o homem excepcional e extraordinario que soube destacar-se entre a burocracia nacional pela distincta correcção, que tem sido a norma da sua vida publica e pela veneração e adoração que todos nós lhe tributamos.

Foi esta commissão eleita para advogar e combater, dentro da esphera da ordem e da legalidade, pelos legitimos interesses e aspirações da classe telegrapho-postal e sustentar em toda a sua plenitude, com respeitosa independencia o sagrado direito de petição que a Carta Constitucional da monarchia confere a todos os cidadãos portuguezes. No cumprimento d'este indeclinavel dever, tem esta commissão trabalhado com todas as forças da sua actividade, pugnando na imprensa com decizão e hombriedade, sem hesitações ou transigencias em favor da justiça da sua causa e procurando levantar na opinião publica as suas sympathias e adhesões. Que a commissão o conseguiu na area da sua circumscripção territorial, attesta-o essa nobilissima e augusta instituição que se chama a Imprensa e que tão generosamente se collocou ao nosso lado incitando-nos, ajudando-nos e instigando-nos.

Que não desejamos ser a nota discordante n'este concerto eloquentissimo, demonstra-o e prova-o a expontanea adhesão que temos prestado a todos os nossos collegas e a lealdade com que vimos alistar-nos nas fileiras do brioso exercito que tem no Porto o seu quartel general, e tem a fortuna de vêr acceitar o bastão do commando pelo vulto venerando e querido de Francisco Xavier de Carvalho.

N'esta adhesão, porém, n'esta mensagem de congratulação, que é ao mesmo tempo uma sincera moção de plenissima confiança em v. ex.ª, precisamos deixar bem nitidamente consignado o que confiamos ao leal e honrado caracter de v. ex.ª e que, levando esta confiança até ao ponto de nos entregarmos completamente nas suas mãos, rogamos a v. ex.ª que se digne ser interprete da nossa mais alta consideração e da nossa esperança absoluta na sollicitude do nobre ministro das obras publicas, o ex.^mo^ sr. conselheiro Emygdio Navarro, o ministro mais assombrosamente emprehendedor dos nossos tempos, a quem o paiz deve todos os moderados adiantamentos materiaes e a quem nós esperamos dever a melhoria da nossa situação com a valiosa cooperação do digno *inspector geral dos correios, o sr. Alfredo Pereira*.

Que fique bem assignalado e constatado por todas as formas que a commissão executiva, delegada dos empregados telegrapho-postaes d'Aveiro, dirige a v. ex.ª este pedido mais, para que s. ex.ª o ministro faça plena justiça ás nossas intenções e tenha firmissima convicção de que não prestará a ingratos um serviço de tal magnitude.

Não temos indicações a fazer a v. ex.ª, que conhece tambem a desgraça da nossa situação e a justiça das nossas reclamações.

Tem v. ex.ª poderes discricionarios e a ninguem podiamos confiar melhor o futuro da nossa classe.

Depondo o nosso mandato nas mãos de v. ex.ª e dissolvendo-se esta commissão n'este momento solemne para todos nós, a commissão executiva d'Aveiro pede licença para declarar muito positivamente a v. ex.ª que não quer constituir-se em commissão de vigilancia, porque não precisa vigiar a lealdade, o zelo e o desinteresse com que em nosso favor trabalhará o homem cuja honra está superior a toda a suspeita e em quem toda a corporação telegrapho-postal portugueza deposita a confiança mais absoluta e mais cega que póde ter-so n'um caracter da tempera e da integridade do de v. ex.ª—Deus guarde a v. ex.ª

Aveiro, em sessão plenaria dos empregados da direcção e estação telegrapho postal, aos 18 de janeiro de 1889.

O presidente—*Albino José dos Santos*, 1.º aspirante.

O vice-presidente—*Fernando Vilhena*, 1.º aspirante.

Os secretarios—*Ayres José de Souza Braga*, 2.º aspirante; *José Martins Lavoura Graça*, aspirante auxiliar.

Os vogaes—*Ernesto Levy Maria Corrêa*, 1.º aspirante; *Joaquim Ignacio da Silva*, 2.º aspirante; *Antonio Luiz Estevão de Oliveira*, 2.º aspirante; *João Maria da Rocha*, aspirante auxiliar; *Ernesto Julio Caldeira Prazeres*, aspirante auxiliar.»

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TUBERCULOSE—O SEU TRATAMENTO

III

Procurei nos artigos precedentes tornar evidentes as causas, predisponentes e a determinante, o microbio, productoras da tuberculose, porque só depois de bem conhecida essa *etiologia* é que se póde oppôr-lhe um tratamento scientifico, racional e consciencioso.

Na verdade, da natureza das causas deprehende-se imediatamente qual a natureza do tratamento a empregar.

Se procuramos ou queremos combater a causa determinante, isto é, o microbio ou bacillus de Kock, devemos empregar substancias toxicas que o matem, isto é, temos de fazer *antisepsia*, ou difficultar-lhe o *terreno* onde elle germina, pullula e se desenvolve. Se queremos combater aquelle estado de esgotamento organico ou debilidade constitucional que persegue o individuo, a funcção da nutrição deve merecer o especial cuidado do medico, dando enormissima importancia tambem á *gymnastica* e *acrótherapia* como auxiliares d'uma boa nutrição.

Antisepsia, alimentação, gymnastica e aerótherapia, eis em que consiste o tratamento da tuberculose.

E não se imagine que é tempo perdido, servindo-nos cuidadosamente d'estes meios, tratar um tuberculoso, seja qual for o periodo da doença. Ha varios casos de cura e mesmo de cura espontanea. Póde hoje felizmente dizer-se que a tuberculose é curavel, sobretudo se a combatermos energicamente no primeiro periodo.

A boa alimentação, a gymnastica e a acrótherapia, usadas conjunctamente, não constituem só um explendido tratamento; são tambem um meio preventivo efficacissimo, que empregado opportunamente, protege d'essa doença todo aquelle que para ella seja predisposto ou recentemente atacado.

A parte da therapeutica destinada a matar o microbio, isto é, a antisepsia, só é applicada, está claro, desde que foi descoberto aquelle em 1882. E' um ramo de therapeutica ainda nascente e portanto em estudo. No entanto grandes applicações se tem feito já n'este sentido de substancias microbicidas com o exito sufficiente para nos garantir que, n'um futuro mais ou menos proximo, isto constitue uma arma poderosa contra aquelle grande inimigo das salas, das fabricas e dos grandes centros de população.

A sua difficuldade não está só em fazer chegar essas substancias microbicidas ao ponto do organismo onde estão installados os microbios, isto é, aos pulmões sobretudo. A principal difficuldade consiste em encontrar substancias que, sendo microbicidas, sejam ao mesmo tempo inoffensivas para os elementos que formam o nosso organismo. Tem-se feito injecções retaes de acido sulfidrico e sulfureto de carbone, os quaes eliminando-se pelo pulmão exercem alli uma acção microbicida. Tem-se praticado, por meio de seringas apropriadas, atravez da propria parede toraxica, injecções de acido phenico e sublimado nas cavernas tuberculosas! Em inhalações e pulverisações, o iodo e iodoformio prestam bons serviços; são microbicidas e sedativos da tosse. Por ingestão, o *creosote* de alcatrão da faia, produz uma acção extremamente benefica. E' microbicida, reduz a expectoração e excita o appetite. Póde tomar-se ás refeições, uma colher de sopa de cada vez, ou mistural-o com leite ou oleo de figado de bacalhau. Não se deve dar em grandes porções para que não produza inflações gastricas.

Alguns d'estes processos, como o da injecção directa sobre as cavercas do pulmão, são muito arrojados, e todos elles são ainda insipientes como já disse; mas conservam presas as attenções dos sabios que se não furtam a trabalhos para os aperfeiçoar. Não me demoro mais em desenvolvel-os, porque é assumpto assás delicado para aqui, nem o leitor utilisa muito com isto, porque não faz a sua applicação sem a intervenção medica intelligente e experimentada.

Vou agora apresentar a parte mais importante d'este tratamento, cujo conhecimento interessa enormemente ao leitor. Refiro-me á alimentação.

A alimentação é a condição essencial ou o primeiro acto da nutrição. Sem me preoccupar demasiado em dar uma boa definição, posso dizer que alimentação é a introducção para o apparelho digestivo de substancias destinadas á nutrição. E nutrição é a assimilação d'aquellas substancias aos elementos anatomicos do organismo depois de competentemente digeridas e absorvidas.

Nutrição é a condição da existencia de qualquer ser vivo. Dizer nutrição equivale a dizer vida. Onde ha nutrição, ha vida; onde ha vida, ha nutrição. Expressões differentes que no fundo traduzem o mesmo phenomeno. Nutrição é a fórma concreta da vida. Ella é a alma d'esta machina viva tão maravilhosamente architectada e tão delicadamente combinada. E' a funcção capital do organismo, da qual dependem todas as outras. A propria funcção da reproducção é uma consequencia da nutrição, embora nos seres superiores isto seja apparentemente de difficil comprehensão. E como não póde haver nutrição sem alimentação, de tudo isto se deprehende o cuidado que esta nos deve merecer.

A nutrição tem por objecto preencher as perdas soffridas continuadamente pelo organismo, em virtude do seu funccionamento. Aquellas perdas fazem-se á custa de todas as substancias de que se compõe o organismo, que vem a ser substancias azotadas, gorduras, assucares e saes dissolvidos em agua.

A alimentação, que é a materia prima da nutrição, para ser completa, deve constar de todas aquellas substancias. E' por isso que a alimentação precisa de ser muito variada para arrastar para dentro do organismo, todos aquelles principios, que vão substituir os que se vão gastando no funccionamento; isto é, a alimentação tem de levar substancias azotadas, gorduras, assucares, saes e agua.

Como fiz notar nos artigos precedentes, a tuberculose precisa infallivelmente, para se desenvolver, d'um terreno apropriado, isto é, d'um organismo debilitado e enfraquecido por excessos, fadigas e sobre tudo por uma nutrição—insufficiente ou prevertida—d'onde se comprehende bem a grandissima importancia que merece a alimentação n'esta doença e o quanto ella deve ser rica. Dar força ao tuberculoso constituiu sempre o cuidado do medico e a sciencia moderna confirma isto e explica-o brilhantemente. A tuberculose, como outra qualquer doença, não é, como outr'ora se imaginava, uma entidade independente que se installe no organismo, mas sim uma modalidade morbida que este apresenta, quando invadido por uma causa morbifica.

E' o resultado ou a consequencia da lucta travada entre o organismo e a causa morbifica. Por isso o nosso mister é mandar tropas de reforço ou auxiliares áquelle dos contendedores por quem nos interessamos, isto é, ao organismo. O reforço, que podemos e devemos fornecer-lhe, é a alimentação. Está claro que quanto mais valentes forem essas tropas de reforço e quanto mais depressa se adestrarem e se encorporarem ao exercito batalhador, tanto maiores serão as probabilidades da victoria. Quero dizer, quanto melhores forem os alimentos e quanto mais rapidamente se digerirem, absorverem e assimilarem, tanto melhor garantia teremos do seu triumpho.

E' por isso que aqui deve presidir sempre um bom criterio na escolha dos alimentos.

Poucas substancias existem que contenham todos aquelles principios alimenticios essenciaes a que me referi. Só o leite e os ovos estão n'este caso; só elles de per si constituem alimentos completos capazes de prover ás exigencias do organismo.

O leite contém principios com azote, caseina e albumina; gorduras como a manteiga; assucares como a lactose; saes como phosphatos chloretos dissolvidos em grande porção de agua. Mas a prioridade do leite não se reduz só a isto. Consiste tambem em ser de facil e rapida digestão, absorsão e assimilação promptas, reclamando para todos esses actos um trabalho insignificante da parte da economia. Possue além d'isso um subido valor nutritivo. Como todos sabemos, é o leite que só por si constitue a nossa alimentação no primeiro periodo da vida, produzindo um rapido crescimento.

Tem sido assumpto de discussão sobre se o leite se deve tomar crú ou fervido. Tomado crú é melhor digerido, absorvido e assimilado e é mais rico em principios que são perdidos pela fervura. Mas, como já fiz notar no primeiro artigo, foi resolvido n'um congresso sobre tuberculose em Paris, que se não deve usar o leite crú, attento o perigo que corremos em nos ser transmittido por essa fórma o germen existente ordinariamente nos animaes que dão leite.

Os ovos são tambem um bom alimento. Deve notar-se que o seu poder nutritivo diminue e a digestão difficulta-se pela cozedura. E' preciso, pois, evitar isto, tomando-os só mornos ou crús.

As carnes occupam, está claro, um logar importante. A sua digestibilidade e valor nutritivo variam com as especies, idades e modos de preparação. A carne de carneiro é mais digestivel que a de vacca e esta mais que a de porco. Nas respectivas especies, a carne dos animaes novos é mais digestivel que a dos adultos. O valor nutritivo é maior nos adultos que nos novos.

Nas aves domesticas e na caça, a digestibilidade é realmente notavel. Sobretudo a caça, devido ao cansaço em que está quando é attingida, apresenta em breve um inicio de putrefacção—*faisandage*, que é já um trabalho de digestão estomacal antecipada.

Como aconteceu para o leite, tem havido e ha ainda divergencia sobre se as carnes devem ser dadas crúas ou assadas. São preferiveis as assadas porque não só conservam as suas qualidades nutritivas por este processo, mas desenvolvem-se n'ellas uns certos principios odoriferos que as tornam agradaveis e apetitosas, e isto não é sem importancia sobre a sua digestão. Mesmo a vista, o gosto e o cheiro dos alimentos produzem um potencial digestivo do estomago.

Tem sido muito applicada a carne crúa e parece mesmo que ella seja mais digestivel e possua maior poder nutritivo, mas tem inconvenientes e grandes que são o mau gosto e mau cheiro, tornando-a repugnante. Ha uma preparação de carne que possue todas as vantagens da carne crúa sem nenhum dos seus inconvenientes. E' o *pós de carne* cuja applicação á therapeutica é recente, sendo no entanto conhecida de ha muito na alimentação dos soldados.

No seculo passado, no reinado de Luiz XIV, e no meiado d'este, na guerra da Crimeia, occupou o primeiro logar na alimentação dos exercitos.

Hoje o *pós de carne* occupa o logar de honra na alimentação dos doentes, sobretudo quando elles recusam as outras substancias, porque o pós de carne não só é tres vezes mais digestivel que a carne e cinco vezes mais nutritivo que egual peso d'ella, mas tambem não possue já nem o seu mau cheiro nem o sabor nauseabundo.

Encontramol-o já em algamas farmacias portuguezas e prepara-se em casa com facilidade por um processo cuja technica seria fastidioso referil-a n'este artigo que já vae longo.

Todas estas substancias convenientemente administradas e em occasião opportuna dão excellentes resultados. Mas para levantar as forças d'um tuberculoso não ha positivamente nada que possa egualar o *oleo de figado de bacalhau*. Os seus resultados são surprehendentes.

O organismo é formado por unidades physiologicas, pequenos elementos chamados *cellulas*, que precisam, para a sua nutrição intima e constante formação de elementos novos, de principios albuminoides e gorduras. E' claro que se a assimilação de materia gorda falta, a nutrição da cellula não só é imperfeitissima, mas não se formam outras novas. Ora o oleo de figado de bacalhau, além de outros principios, contém gordura em abundancia, que já foi digerida no peixe d'onde se extrahiu e que dada ao tuberculoso ou a qualquer individuo enfraquecido, vae nutrir os elementos ou cellulas preexistentes e formar outras.

Ao fim de poucos dias o doente accusa um augmento de peso, as forças elevam-se, o sangue torna-se mais perfeito e rico, o estado geral do individuo melhora progressivamente em proporção com as dóses tomadas. Joanny Rendu submetteu tres tuberculosos a tratamentos differentes e a um d'elles dava este oleo. Pesava os doentes todas as semanas successivas e ao fim de tres mezes viu que os dois primeiros tinham diminuido consideravelmente de peso e o que tomava o oleo de figado de bacalhau pesava dois kilogrammas a mais. Todas as complicações da doença estavam melhoradas n'este doente.

Este oleo obtem-se expremendo fortemente o figado retalhado. Se esse figado está já em putrefacção, o oleo obtido é escuro; se o figado é fresco o oleo resultante é claro. Este ultimo é o preferivel porque é menos repugnante e não está provado que tenha menores virtudes therapeuticas. Deve tomar-se ás refeições para ser melhor tolerado, digerido e assimilado. Começa-se por pequenas dóses, duas a tres colheres a cada refeição, para ir educando o estomago, e vae-se augmentando successivamente até chegar a 150 ou 200 grammas por dia. O professor Jaccoud, de Paris, teve um doente que chegou a tomar 300 grammas por dia sem sacrificio. O oleo é um pouco repugnante, offerecendo alguma difficuldade a tomar. Ha varios meios de facilitar a sua ingestão, mas se ainda assim for absolutamente impossivel ao doente toleral-o, não se deve insistir, porque devemos respeitar e muito a integridade funccional do apparelho digestivo. Póde-se n'este caso dar a Emulsão de Scott, menos repugnante, mas de menor efficacia.

Não se regeitam por forma alguma os cereaes e os vegetaes, porque não só ha muitos bastante nutritivos, mas concorrem para a variação da alimentação. Os vinhos empregam-se não pelo seu valor nutritivo, que é pequeno, mas como excitantes.

N'um outro artigo mostrarei a importancia da gymnastica e da aeróthetapia quando opportunamente empregadas.

Porto, 15—1—89.

Ricardo Souto.

CARTA DE LISBOA

24 DE JANEIRO DE 1889.

Realisou-se hontem, ao meio dia, na capella particular do patriarchado, o casamento da ex.^ma^ sr.ª D. Leonor Lobo d'Avila, gentilissima filha do sr. conde de Valbom, com o sr. D. Diogo Manuel (Atalaya). Este casamento, illustre por tantos titulos, veio unir duas familias das mais respeitaveis e mais distinctas da nossa primeira sociedade. Foi celebrante sua eminencia o sr. cardeal patriarcha, servindo de padrinhos os srs. D. Sebastião Manuel de Noronha, irmão do noivo, e Antonio de Salema, tio do noivo; e madrinhas as ex.^mas^ sr.^as^ D. Joanna Orta Ennes e D. Maria do Carmo Lobo d'Avila da Graça, tia da noiva. Finda a ceremonia, a que só assistiram parentes e pessoas intimas dos srs. condes, foi servido um *lunch* em casa dos srs. condes de Valbom. Riquissima a *corbeille* da noiva. Além d'outras as seguintes prendas:

Condessa de Valbom, crescente de brilhantes, serviço de chá, de prata, duas guarnições de rendas riquissimas; conde de Valbom, flôr de brilhantes, um livro de orações com monogramma de prata e um broche antigo de brilhantes; D. Maria Bernardina Atalaya, um broche com brilhantes, um alfinete; o noivo, uma linda pulseira com brilhantes; D. Joanna Ennes, um faqueiro de prata; condessa de Magalhães, uma floreira da China; viscondessa de Rio Sado, um sophá artisticamente bordado; Carlos Lobo d'Avila, tres lindas pulseiras de brilhantes, rubis e esmeraldas, um sacco de viagem; D. Maria do Carmo Lobo d'Avila da Graça, um guarda-joias de charão e um leque de marfim; Joaquim José da Graça, uma bilheteira de tartaruga arrendada; general Lobo d'Avila, uma floreira de prata; D. Carolina Lobo d'Avila, um leque de plumas; D. Luiza Lobo d'Avila, um enfeite de toucador; D. Joanna Ennes, um par de castiçaes de prata *repoussée* antiga; viscondessa de Taveiro, um sophá de pelucia; D. Luiza Graça, um rico leque de madreperola e ponta d'agulha; Arthur Lobo d'Avila, uma marinha de Tomazini; João H. Ulrich, um estojo de colheres de prata trabalhada; D. Antonia de Magalhães, um lindo leque antigo; D. Maria Bernardina Manuela, uma linda almofada bordada; Amandio Lobo d'Avila, uma anneleira de crystal e prata; D. Emilia Rosa Barbosa, um par de jarras Japão antigo; D. Thereza Galveias, uma carteira de bilhetes com monogramma em prata; D. Amelia Vanzeller Berquó, um grupo de *biscuit*; D. Maria Amalia Pernes, um *couvre-pieds* de *crochet*; D. Anselmo Villa Real, um *tête-á-tête* de Wedgwood antigo; D. Maria Amalia Pombal, um lindo leque pintado: D. Anna de Menezes (Vallada), um lindo broche de ouro e pedras; marqueza de Vallada, uma guarnição de *toilette* de crystal e prata dourada; D. Maria Izabel O'Neill, uma bacia e jarro de prata antiga; mr. de Leicotte, um *bénetier* de prata; Ernesto Alcobia, um *fauteuil* de seda antiga; D. Maria Clementina Pinto Leite Carvajal, um leque de marfim com um lindo panno pintado; D. Mathilde Nogueiras, um saleiro de prata; D. Emilia Kruz de Azevedo, uma floreira com pintura de Boucher e vaso de Sévres antigo e bronze; D. Maria Barbosa de Castro, um lindo grupo de Saxe antigo; Camillo de Moraes, um leque de plumas pretas e tartaruga clara, com a firma em ouro; D. Maria Izabel Regaleira, um lindo leque de pennas azues; D. Maria das Dôres Pessanha, um prato pintado artisticamente; D. Henriqueta de Castro, uma pandereta lindamente pintada; Sousa Pinto, um retrato da noiva a pastel, obra prima; visconde de Pindella (Vicente), um pequeno espelho com moldura de prata antiga trabalhada; Rocha Vianna, um rico annel de esmeraldas e brilhantes; condes de Carvalhido, um *coupe* de prata antiga, *repoussée* de grande valor; D. Amelia Mayer, uma pendula do mais fino gosto; condessa dos Olivaes, uma lindissima floreira de prata e crystal; condessa de Gouveia, um Mozart de bronze, lindissimo objecto de arte; Francisco Ribeiro da Cunha, uma bolsa de ouro, cujo feixo é um dobrão; visconde d'Azevedo Ferreira, um prego de brilhantes para a cabeça; D. Graça Barros Lima, *porte-bonheur* de oiro; D. Leonor Salema, um pequeno faqueiro de prata; D. Marianna Roma, um lindo panno de meza bordado; viscondessa de Pernes, um leque de madreperola e rendas; visconde de Pernes, um album; marqueza de Beauvoir, pequena caixa para pós de arroz, tampa de ouro e rubi; D. Maria Helena Pernes, uma almofada de frioleiras; Antonio Pernes, um annel; Henrique e D. Lucinda de Macedo, magnifico estojo de prata trabalhada, para unhas; D. Amelia Ulrich Cardoso, dois jarros de crystal e prata; D. Maria do Carmo Pinto Magalhães, um biombosinho artisticamente pintado por s. ex.ª; D. Julia de Castro, um cofre de filagrana de prata; barão d'Alcochete, uma caixa de prata *repoussée*, antiga; viscondessa d'Alferrarede, um leque; D. Thereza Bocage, uma lindissima lamparina de prata e ouro; D. Benedicta Rezende, um magnifico cofre de Saxe, antigo; D. Emilia de Castro Eça de Queiroz, um centro de meza e dois candelabros; conselheiro dr. Theotonio da Silva, rica guarnição de escriptorio, de bronze esmaltado; D. Eline d'Araujo Silva Pereira, um leque de ponta de agulha; do antigo creado da noiva, Leonardo Torres, um paliteiro de prata; d'uma antiga creada, Rosa de Ascensão, um bule do Japão, antigo, etc.

Os noivos partiram ás 4 horas da tarde, para a quinta de Santa Martha, proximo d'Almeirim.

— Já que a camara municipal continua a dormir sobre os brutaes trabalhos da nova companhia do gaz, accordou ao menos a policia civil, multando a companhia por ter em muitas ruas da cidade grandes cavoucos abertos sem resguardos e sem luzes, como mandam os regulamentos, para evitar os desastres. Consta-me que de antehontem para hontem foram impostas á companhia cerca de cincoenta multas de 4$000 reis cada uma.

— Os duques de Bragança partirão de Sevilha na proxima sexta-feira de madrugada, para estarem em Lisboa no dia seguinte pela manhã. Suas altezas são acompanhados dos srs. condes de Paris.

— Foi ha dias expedido para o Porto, pelo ministerio da fazenda, um officio ao representante da fazenda d'ali, para entregar á officina de S. José os tres terrenos que tem frente para a rua de Alexandre Herculano e Fontainhas, e para ser dada posse dos mesmos á dita Officina. O revd.º padre Sebastião de Vasconcellos e os alumnos da officina de S. José já regressaram ao Porto.

— Está na eternidade Maria Carlota Amorim Ferreira, que ultimamente foi esfaqueada pelo marido, na casa da travessa de Santa Catharina. Teve o ventre coberto de gelo; tinha uma ruptura nos intestinos, por onde saiam os alimentos. O seu estado era ainda ha poucos dias satisfatorio, e segundo ouvi, morreu pela infecção, em resultado das pessimas condições do hospital de S. José, onde actualmente estão mais de 2:000 doentes.

— Pelas 8 horas da manhã de terça-feira, a creada de servir Narcisa Duarte, de 21 annos, despediu-se da sua patroa moradora na travessa da Ribeira Nova, 26, 4.º andar. Porque a patroa a estimasse, deu esta em fechar-lhe a porta, oppondo-se á sahida da serviçal, e tanto bastou para que a allucinada se precipitasse de uma janella para o saguão do predio; ficando em miseravel estado, com as pernas partidas e cheia de ferimentos e contusões. foi logo conduzida ao hospital de S. José. As informações dizem o seguinte:

A Narcisa Duarte namorava havia tempos o moço de padeiro Antonio Martins, que servia na padaria do Brito, na rua dos Romulares, n.º 29. A' porta do estabelecimento, o Martins permanecia grande parte do tempo a olhar para a namorada, que em vez de fazer o serviço da casa passava quasi todo o dia á janella. A patroa mandou avisar a mãe da creada, moradora em Cezimbra. Na terça-feira de manhã, participou á Narcisa que a velha chegaria n'esse dia; estava disposta a entregar-lhe a rapariga, porque não queria responsabilidades. A Narcisa não levou a bem o procedimento da patroa. Teve com ella uma altercação, acabando por querer sair de casa immediatamente. Foi então que a patroa fechou a porta da escada, para evitar que a rapariga sahisse, antes de chegar a mãe. A Narcisa ficou totalmente allucinada, correu á janella da cosinha e precipitou-se. A infeliz morreu pouco depois de dar entrada no hospital. Quando a mãe chegou já encontrou a filha morta. E' grande o seu desespero; receia-se que perca a razão. Tem 70 annos e a filha era o seu unico amparo.

Y.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS PARES

Sessão de 21 de janeiro

Presidencia do sr. João Chrisostomo. Secretarios os srs. Montufar Barreiros e Ressano Garcia. Abertura da sessão á 1 hora da tarde.

Acta approvada.

Foram lidas na mesa representações das camaras municipaes de Armamar e Vianna do Castello, favoraveis ao contracto da Companhia Vinicola do Norte.

A camara resolveu que houvesse commissões de agricultura e commercio e industria.

O sr. Hintze Ribeiro fez as seguintes perguntas:

1.ª—Se o sr. ministro da fazenda confirmava ou não as declarações feitas pelo sr. presidente do conselho em sessão de 11 do corrente.

2.ª—Se já havia sido adoptada a sellagem em Lisboa antes do dia 2 do corrente e no Porto antes do dia 9.

3.ª—Se o ensaio da sellagem se effectuou na alfandega do Porto e por que fórma.

4.ª—Se houve ensaio em Lisboa e por que fórma foi feito.

5.ª—Se o governo sustenta o artigo 224.º da lei da sellagem e o respectivo regulamento.

6.ª e ultima—O que o governo resolvia relativamente á fundação das Companhias Vinicolas.

O sr. ministro da fazenda respondeu que confirmava as declarações feitas pelo sr. presidente do conselho, salvo se houvesse qualquer equivoco pelo motivo de ser elle e não o chefe do gabinete quem expediu as ordens, podendo por isso dar-se o caso do sr. Luciano de Castro desconhecer algum pormenor d'essas ordens,

Que os ensaios da sellagem deviam ter sido feitos simultaneamente em Lisboa e Porto, mas que não começaram n'esta ultima cidade por falta de material.

Que o ensaio fôra gratuito e facultativo.

Que os tecidos apisoados já eram sellados desde 1886 com o sello italiano e que o anno passado se substituira esse sello pelo sello hespanhol.

Que o ensaio da sellagem se fixara em Lisboa sem objecções, mas que havendo representações dos commerciantes do Porto contra a sellagem, não começará ali o ensaio de pôr mais de um sello em cada peça de fazenda.

Que as experiencias na capital haviam começado no dia 3 do corrente, acabando no dia 12 ou 13.

Que a sellagem era gratuita, tendo apenas reclamado contra ella, em Lisboa, a casa Anjos & C.ª

Haviam suspendido os trabalhos porque as experiencias estavam feitas.

O governo não tenciona revogar a lei da sellagem mas deseja intreduzir no regulamento as modificações que sejam reclamadas pela pratica.

Que as experiencias continuavam. Agora os ensaios estavam-se fazendo nas fabricas da capital, visto já terem acabado na alfandega, e que depois se estenderia até ás fabricas das provincias.

Quanto ás companhias vinicolas, disse que o governo deseja introduzir modificações no contracto para a formação da Real Companhia Vinicola do Norte.

O sr. Hintze Ribeiro replicou ao sr. Marianno de Carvalho dizendo que s. ex.ª lhe attribuira responsabilidades que elle não tinha na questão da sellagem.

Defendeu o seu procedimento como ministro da fazenda.

Em opposição ás declarações feitas pelos srs. presidente do conselho e ministro da fazenda, que haviam declarado que a sellagem era facultativa, leu uma ordem de serviço da alfandega, dizendo esta que a sellagem era obrigatoria.

Accusou o sr. Marianno de Carvalho, pelo seu regulamento crear os maiores vexames ao commercio livre, augmentar o pessoal de fiscalisação com mais 100 funccionarios e gastar 40:000$000 com elles.

O sr. ministro da fazenda, replicando, sustentou que o seu regulamento era mais liberal e pratico do que o que o sr. Hintze Ribeiro quiz adoptar.

Disse que o contrabando se faz á sombra da bandeira da alfandega, e que, como esse contrabando exige fiscalisação, sempre tem de haver vexames para o commercio, pois que não póde haver fiscalisação sem elles.

Declarou que modificará o seu regulamento, mas que é melhor a imposição do sello do que o aggravar-se os sacrificios dos contribuintes com o augmento de 6:000 homens á guarda fiscal o que custará 600:000$000 reis ao Estado.

Como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada para a sessão seguinte.

As galerias da camara estavam apinhadas de pessoas, entre as quaes se viam os membros da grande commissão dos commerciantes portuenses que chegaram á camara ás 4 horas e meia da tarde, hora a que sahiram do paço.

Sessão de 23 de janeiro

Presidencia do sr. Barros e Sá. Secretarios os srs. Montufar Barreiros e Ressano Garcia.

Abertura da sessão á 1 hora da t.

Acta approvada.

O sr. Telles de Vasconcellos pediu a nota da despeza já feita com as expropriações das fabricas de tabacos, e nota do processo da nomeação de conegos.

Desejou informações relativas á desordem occorrida entre os habitantes de duas freguezias do concelho de Fornos de Algodres.

O sr. ministro da fazenda disse que avisaria o sr. presidente do conselho dos desejos do digno par.

Foi apresentada a carta regia nomeando digno par do reino o general de divisão sr. José Paulino de Sá Carneiro.

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a lei da sellagem

O sr. ministro da fazenda, continuando no uso da palavra que lhe ficára reservada, sustentou o seu regulamento sobre a sellagem dizendo que elle era o mesmo que o do sr. Hintze Ribeiro, exigindo, porém, o d'este mais formalidades.

Estranhou que sendo o decreto da lei da sellagem datado de 29 de dezembro de 1887 só agora se levantasse retulancia, dizendo que sempre apparecem épocas de agitações, em que geralmente se protesta contra uma palavra e não contra um facto.

A seu vêr toda esta agitação é motivada pelas Companhias Vinicolas.

Procedeu-se á votação sobre a carta regia de nomeação do general sr. José Paulino de Sá Carneiro. Como tivesse havido engano no escrutinio procedeu-se a segunda votação sendo a carta approvada.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel estranhou que o governo se defendesse sempre com os actos dos seus antecessores. Achou cerebrina a interpretação dada pelo governo á palavra *facultativa* com relação ás experiencias do systema de sellagem.

Disse que o governo só fazia monopolios. Quanto á Companhia Vinicola disse que sobre os seus resultados praticos havia opiniões pró e contra.

O sr. Pereira de Miranda disse que apesar de commerciante queria a sellagem, pois que a julgava um meio de reprimir contrabando, dando garantias ao commercio honesto.

Em seguida foi encerrada a sessão.

CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 21 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abriu-se a sessão ás 3 1|2 horas da tarde.

O sr. Lopo Vaz sentiu a ausencia dos srs. Luciano de Castro e Marianno de Carvalho, quando se tinha de tratar de uma importante questão de ordem publica.

O sr. ministro das obras publicas disse que o sr. presidente do conselho se achava no Paço da Ajuda, assistindo á conferencia entre el-rei e os commerciantes do Porto, e o seu collega da fazenda na camara dos dignos pares.

O sr. Lopo Vaz propoz que se interrompesse os debates, em qualquer altura da sessão, quando chegasse o sr. presidente do conselho.

Tratou depois de diversas questões militares, atacando vivamente o decreto de promoção da arma de engenheria, frisando os seus inconvenientes.

O sr. ministro da guerra respondeu dando explicações sobre diversos projectos que tenciona apresentar, providenciando ácerca das promoções na arma de ingenheria.

O sr. Dantas Baracho usou depois da palavra combatendo a argumentação do sr. ministro da guerra.

(Quando o orador fallava, entrou na sala o sr. presidente do conselho, 5 horas menos 10 minutos, mas o sr. Baracho concluiu o seu discurso).

Usou depois da palavra o sr. Lopo Vaz que fez 5 perguntas, a saber:

1.ª Quaes eram as providencias que o governo adoptava em vista da attitude dos commerciantes do Porto.

2.ª Se o governo mantinha a lei de sellagem.

3.ª Se o governo, mantendo o principio da sellagem, mantinha o regulamento.

4.ª Se as experiencias de sellagem feitas na alfandega de Lisboa tinham sido obrigatorias ou facultativas.

5.ª Se o governo persiste em apresentar ao parlamento os contratos para a formação das companhias vinicolas.

O sr. presidente do conselho respondeu:

1.º Que havia completo socego no norte, segundo as informações telegraphicas que tinha, não havendo portanto, necessidade de adoptar providencias extraordinarias.

2.º Que o governo está disposto a manter a lei da sellagem de uma maneira clara e categorica. *(Grandes applausos da direita)*. Que está igualmente disposto a não ceder perante quaesquer reclamações, em quanto forem apresentadas por modos menos decorosos, *(Grandes appoiados)*. Não aceita imposições, venham ellas de onde vierem. O seu dever é manter o respeito e decoro da auctoridade, e saberá mantel-os.

3.º Que estava disposto a modificar o regulamento da sellagem, e n'essa conformidade, o sr. ministro da fazenda já dissera á Associação Commercial de Lisboa, que, desde que ella aceitava o principio da sellagem, modificaria o regulamento.

4.º Que o sr. Marianno de Carvalho dera ordem á alfandega, para que, havendo reclamação por motivo da sellagem, fossem ter com elle, e logo que houve a primeira reclamação, suspendeu a execução da lei.

5.º Que, finalmente, o governo tenciona fazer discutir no parlamento os contratos das Companhias Vinicolas.

O sr. ministro da fazenda apresentou diversos documentos a respeito das questões da sellagem e das avenças na Figueira da Foz.

A camara approvou a proposta do sr. Lopo Vaz para que houvesse discussão especial sobre a questão da sellagem.

O sr. Lopo Vaz, usando da palavra, rebateu o termo—*indecorosa*—proferindo pelo sr. presidente do conselho quando se referiu aos meios empregados pelos commerciantes do Porto a fim de obterem a revogação da sellagem. Disse que não se lança assim dos bancos do governo um epitheto injurioso á face de uma cidade tão laboriosa como o Porto. Esta expressão, *indecorosa*, ou se retira ou se prova. Disse que havia grandes elementos para que lavre agitação no paiz. E' a primeira vez que o governo não quer ceder tendo razões para ceder. *(Risos na maioria.)*

O sr. Lopo Vaz, continuando, disse que é mais facil aos deputados da maioria o rir que responder.

Não é com caprichos, disse, que se mantem o principio da auctoridade.

Terminando, disse: «O governo ha-de ceder, ha-de ceder e ha-de ceder.»

O sr. presidente do conselho disse que não chamou indecorosa á representação da classe commercial do Porto nem aos seus actos. O governo é que praticaria um acto indecoroso, cedendo. Emquanto os commerciantes do Porto se dirigem ao governo impondo a revogação immediata da sellagem, o governo dirá sempre que não, mas se elles quizerem discutir placidamente a questão, o governo acceitará a discussão.

Disse que a responsabilidade da sallagem pertence ao partido regenerador, que não teve a coragem de pôr em pratica aquelle systema.

Antes de encerrar a sessão, o sr. Lopo Vaz usou da palavra, explicando que o sentido do termo *assassinar* que empregara no seu discurso, e que o sr. presidente do conselho interpretára de um modo differente dizendo que elle, orador, attribuira á força publica, assassinatos.

As galerias da camara estiveram sempre repletas de espectadores. A commissão de commerciantes do Porto assistiu aos debates sobre a questão da sellagem.

Sessão de 23 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abertura da sessão ás 3 horas da tarde.

O sr. Firmino Lopes disse que desejava a presença do sr. presidente do conselho afim de poder tratar das arbitrariedades praticadas por occasião da eleição de Vimioso.

O sr. Horta e Costa trocou varias explicações com o sr. ministro dos estrangeiros sobre a moeda corrente em Macau.

Entrando na sala o sr. presidente do conselho, o sr. Horta e Costa, continuando no uso da palavra, disse que aboliria a lei da sellagem se fosse governo.

Disse que o sr. Marianno de Carvalho disséra que o regulamento do sr. Hintze Ribeiro era peior do que o seu, mas que os commerciantes não haviam protestado contra o regulamento do governo regenerador.

Sustentou que a questão não era politica porque na commissão dos commerciantes do Porto que viera a Lisboa havia progressistas dedicados ao sr. Marianno de Carvalho.

A camara resolveu que houvesse inscripção de oradores sobre o incidente.

O sr. João Pinto dos Santos referiu-se á transferencia dos regimentos de Penamacôr e Covilhã, accusando o governo de só tratar de attender ás reclamações dos povos que lhe são affectos.

O sr. presidente do conselho disse que a transferencia d'aquelles regimentos fôra unicamente devida á lei do recrutamento regional.

O sr. João Pinto quiz replicar mas a maioria resolveu que não lhe fosse concedida a palavra e que se passasse á

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Franco Castello Branco combateu vivamente o procedimento da maioria por não ter concedido a palavra ao sr. João Pinto.

Accusou o governo de ter transformado uma questão economica em uma questão politica.

Censurou o sr. ministro da fazenda por ter nomeado, para se entender com a commissão dos commerciantes do Porto, dous negociantes de fruta e outros dous directores de fabricas de papel, os quaes nada entendem da sellagem.

Disse que o governo procurará subjugar o commercio do Porto pela força, mas que acabará por ceder, como é o seu costume.

Disse que o Porto não se quizera humilhar perante o sr. ministro da fazenda, mas que este se ha-de humilhar perante el-rei.

Seguiu-se o sr. Eduardo de Abreu; apresentou uma moção de confiança ao governo.

Referiu-se á resposta dada por el-rei á commissão do Porto.

O sr. Manuel d'Assumpção pediu a palavra para uma questão prévia.

O sr. Eduardo de Abreu, continuando, disse que o parlamento não podia converter-se em chancella do que pretendiam as commissões de vigilancia e resistencia dos commerciantes do Porto.

Que estas commissões eram o quinto poder do Estado com que era necessario terminar.

Disse que Lisboa e Açores tambem tinham lutado pela causa da liberdade e que trabalhavam commercialmente sem exigirem tanto como os commerciantes do Porto.

Sustentou que o Porto, pedindo ao parlamento a revogação sem discussão do contrato da Companhia Vinicola do Norte, affrontára a dignidade parlamentar.

Disse que seria bom que o sr. presidente da camara mandasse um continuo ao Porto para saber se a bandeira que a Associação Commercial mandára pôr a meio pau era a mesma que tinha annunciado a desgraça do theatro Baquet, e que se fosse a mesma se queimasse.

Aconselhou o governo a que resistisse ás reclamações dos commerciantes portuenses, dizendo que se applicasse ao Porto a massagem e que se não bastasse lhe applicasse uma sangria.

A moção do sr. Abreu foi admittida á discussão.

O sr. Manuel da Assumpção sustentou que a moção do sr. Abreu era anti-constitucional, não podendo a camara deliberar sobre ella. Pede a este respeito a opinião dos srs. presidente da camara e do conselho.

Protestou contra o facto de se crer dar um caracter de moção politica ás palavras de el-rei.

Fez o elogio da heroicidade da cidade do Porto, estranhando que o sr. Eduardo de Abreu quizesse queimada a bandeira portugueza que está içada a meia haste na Associação Commercial.

Disse que o Porto conquistára combatendo o direito do sr. Eduardo de Abreu lhe estar jogando [illegible].

Em áparte, o sr. Franco Castello Branco, disse que o sr. Beirão, que é deputado pelo Porto, devia ter-se levantado afim de protestar contra as palavras do sr. Abreu. *(Grandes applausos da opposição.)*

Levantou-se tumulto na sala não se podendo ouvir a voz do sr. Manuel da Assumpção.

Não podendo restabelecer-se a ordem, o sr. presidente poz o chapeu na cabeça, continuando o tumulto.

Os continuos da camara trataram de evacuar as galerias. Um espectador recalcitrou dando isto logar a que augmentasse o tumulto.

A guarda de infanteria das côrtes veio postar-se no corredor da camara.

Como não se restabelecesse a ordem o sr. presidente encerrou a sessão, dizendo que a proxima era sexta-feira.

SECÇÃO AGRICOLA

A INCULTURA DA VINHA

E' este o titulo dado a uns artigos muito curiosos, que Mr. Sclafer tem publicado n'um jornal vinicola francez, nos quaes pretende provar que os amanhos do solo - -as cavas, as lavouras e as escavas d'agua—são antes prejudiciaes que proveitosas ás cepas, por que lhes destroem as raizes superficiaes, as que maior somma de alimentação conduzem á planta.

Effectivamente, são estas raizes superficiaes (pastadeiras) de reconhecida vantagem no desenvolvimento da planta, e as que têem uma conformação physiologica mais perfeita; e é talvez, por isso, que a *incultura* das vinhas phylloxeradas, abandonadas á acção do parasita, deixa desenvolver em maior quantidade esta especie de raizes, que muitas vezes se observa n'essas vinhas um certo reapparecimento de vigor, que contrasta com as vinhas invadidas e grangeadas com esmero;—mas concluir d'aqui que a abolição das cavas ou lavouras é essencial para a boa conservação das vinhas, parece-nos exaggerar demasiadamente a interpretação dos factos.

Diz Mr. Sclafer que as hervas, que crescem nas vinhas, utilisando em primeira mão o ar necessario ao seu crescimento, privam as raizes da vinha de este ar devidamente oxigenado, mas que o systema usado para desembaraçar a terra d'essas hervas—cavas ou lavouras—destruindo as raizes superficiaes da cepa e poupando apenas as sub-jacentes e profundas, mais proprias para a sua fixação no solo do que para a sua alimentação, é mais prejudicial que proveitoso. N'estas condições, propõe-se substituir aquelles amanhos por uma operação simples, que consiste em arrancar á mão, por tempo de chuva, todas as hervas que crescem nas vinhas, duas ou tres vezes, depois do que a terra ficará limpa de quasi toda a sua vegetação espontanea, dando-se em seguida uma sacha ou redra, muito superficial, que não ataque as *pastadeiras*, para impedir que se forme uma crosta dura, que difficulta o accesso dos gazes atmosphericos até essas raizes, principaes na alimentação da planta. Os adubos seriam espalhados á superficie, deixando á natureza a laboração do alimento e a sua infiltração no solo, que empregaria para isso os mesmos processos de que se serve na alimentação das arvores das florestas.

Eis aqui, summariamente, em que consiste o processo da *incultura da vinha*, apregoado por Mr. Sclafer, que abona as suas ideias com uma experiencia, em pequena escala, de 8 annos, e com os factos observados nas grandes latadas, em que a vinha é plantada, sem nunca mais se dar qualquer amanho ao solo. Todavia, só aconselha este systema nas vinhas novas, porque as velhas, tendo as raizes do colo das cepas destruidas por successivos cortes, não emittem novas radiculas, como succede n'um porta-enxerto, em que os cortes repetidos impossibilitam o ponto onde estes se effectuam de renovar o seu systema radicular.

Coso se vê, é arrojado o systema da *incultura* da vinha, e nós não nos atrevemos a aconselhal-o aos leitores, mas ha logar para uma experimentação cautelosa da parte dos viticultores illustrados.

As reflexões a que se prestam as ideias de Mr. Sclafer parecem ser realmente ponderosas, quando se considera que o systema radicular da vinha exerce funcções predominantes na sua vegetação e fructificação.

Não ha duvida que as cavas e lavouras profundas mutilam as raizes superficiaes, e que, n'estas condições, a vegetação das cepas é gravemente contrariada. As raizes tomam na terra uma direcção, que lhes é imposta, as mais das vezes, pelo systema de poda que se dá ás cepas, pois cada raiz corresponde pelos effeitos da seiva a um determinado ramo; e assim é que, destruindo-se uma raiz grossa, uma parte do ramo que lhe corresponde mostra logo signaes de enfraquecimento.

As raizes, no seu funccionamento, são muito caprichosas, dirigem-se para uma ou outra parte do solo, procurando sempre o ponto mais favoravel, em regra o de mais facil accesso ao ar. Nos terrenos humidos, então, as raizes sobem muito á superficie, e o contrario n'aquelles em que a seccura é manifesta.

Não é raro observar-se, quando a primavera corre chuvosa, que a vegetação das vinhas se retarda, estiola e enfraquece, porque a terra, excessivamente saturada d'agua, paralysa o funccionamento das raizes. Nos terrenos baixos e humidos esta contrariedade é muito vulgar, e parece-nos que seria muito diminuida, se as cepas tivessem todas as suas raizes superficiaes, dispostas á flôr da terra, onde o solo está mais enxuto, a fim de supprirem, em parte, a paralysação das raizes sub-jacentes.

Trazemos estas considerações geraes para dizer que nos não repugna em parte o systema da *incultura* nas vinhas de terrenos humidos, e que em qualquer caso os amanhos ou grangeios superficiaes devem ser, em geral, preferidos aos profundos, por pouparem as raizes *pastadeiras*, que teem uma importancia conhecida na alimentação da vinha.

A. e B.

SECÇÃO LITTERARIA

Á BEIRA DA MORTE

Ha já alguns annos que, em uma manhã do mez de dezembro, levantava ferro do porto de Liverpool um grande navio a vapor, que levava a bordo mais de duzentas pessoas, entre as quaes setenta homens de equipagem. O capitão e quasi todos os marinheiros eram inglezes. Entre os passageiros havia alguns italianos: tres senhoras, um padre e uma companhia de musicos ambulantes. O navio dirigia-se á ilha de Malta. O tempo estava escuro. Fazendo parte dos passageiros de 3.ª classe, á proa, havia um rapaz italiano de doze annos, pequeno para a sua edade, mas robusto, um bello rosto ousado e severo de siciliano. Estava só junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cabos, ao lado de uma mala usada, que continha a sua roupa, e sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto trigueiro e os cabellos negros e ondulados, que quasi lhe cobriam os hombros. Estava vestido pobremente, com uma manta já gasta sobre as costas, e uma velha bolsa de coiro a tiracollo. Olhava em torno de si, com ar melancolico, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros que passavam correndo, e para o mar inquieto. Tinha a apparencia de quem acabava de soffrer uma grande desgraça de familia. O rosto d'uma creança e a expressão d'um homem. Poucos dias depois da sahida do porto, um dos marinheiros do navio, um italiano, com os cabellos grisalhos, appareceu á prôa trazendo pela mão uma rapariguita, e parando defronte do pequeno siciliano, disse-lhe:

—Aqui tens uma companheira de viagem.

Deixou-a ficar e seguiu. A rapariga sentou-se sobre o montão de cabos ao lado do rapaz. Olharam um para o outro.

— Onde vaes? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu:

—A Malta, por Napoles.—Depois accrescentou:—Vou encontrar-me com meu pae e minha mãe, que me esperam. Eu chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz calou-se. Pouco depois tirou da sua bolsa pão e fructas seccas; a rapariga tinha biscoitos. Comeram.

—Alegrai-vos! gritou o marinheiro italiano, passando rapidamente.—Vae começar a dança.

O vento ia augmentando e o navio baloiçava com força. Mas como nenhum dos dois enjoava, pouco lhes importava isso. A rapariguinha sorria. Tinha aproximadamente a edade do seu companheiro, mas era muito mais alta; de rosto trigueiro, delgada, um pouco fraca, e vestida mais que modestamente. Tinha os cabellos curtos e encaracolados, um lenço vermelho em volta da cabeça e duas argolinhas de prata nas orelhas. Comendo, iam contando a sua vida.

O rapaz não tinha pae nem mãe. O pae, operario, tinha morrido em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o consul italiano havia-o mandado para o seu paiz Palermo, onde tinha alguns parentes afastados. A rapariguinha tinha sido levada para Londres, no anno anterior, por uma tia viuva, que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um omnibus, sem deixar-lhes um centesimo, vendo-se obrigada a recorrer ao consul, que lhe tinha arranjado a passagem para a Italia. De modo que... concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam que eu voltasse rica, e em vez d'isso volto pobre como vim. Mas hão-de estimar-me da mesma maneira. E meus irmãos tambem. Tenho quatro, todos pequenos. Eu sou a mais velha e sou eu que os visto. Hão-de fazer-me muita festa ao ver-me. Hei de entrar em casa em pontinhas de pés... O mar está feio!

Depois perguntou ao rapaz:

— E tu vaes ficar com os teus parentes?

— Sim, se elles me quizerem, respondeu.

— Não são teus amigos?

— Não sei.

— Eu completo treze annos para o Natal—disse a rapariga.

Depois principiaram a discorrer ácerca do mar, da gente que tinham em volta de si. Todo o dia estiveram juntos, trocando de quando em quando algumas palavras. Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ella fazia meia, elle meditava. O mar cada vez engrossava mais. A' noite, quando se separaram para ir dormir, ella disse a Mario:

— Dorme bem,

— Nenhum dormirá bem, pobres creanças!—exclamou o marinheiro italiano, passando de corrida á chamada do capitão.

O rapaz ia para responder á sua amiga—Boa noite,—quando um jorro de agua inesperado o investiu com violencia, e atirou com elle de encontro a um banco.

— Ai! meu Deus! que se feriu—gritou a rapariga, lançando-se sobre elle.

Os passageiros que desciam á camara passavam indifferentes. A pequena ajoelhou-se ao lado de Mario, que ficara atordoado com a queda, limpou-lhe a testa que gotejavá sangue, e, tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabellos, envolveu-o na cabeça de Mario, aconchegando-o ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, cahindo-lhe n'essa occasião uma gotta de sangue sobre o seu vestido amarello, por cima da cintura. Mario reanimou-se e poz-se em pé.

— Sentes-te melhor?—perguntou a rapariga.

— Não tenho nada — respondeu elle.

— Dorme bem—disse Julieta.

— Boa noite—respondeu Mario.

E desceram pelas duas escadinhas que conduziam aos seus dormitorios. O marinheiro não se tinha enganado na predicção. Ainda não tinham adormecido, quando se desencadeou uma tempestade medonha. Foi como que um assalto repentino de vagas furiosas que, em poucos momentos, despedaçaram um mastro, levaram comsigo como se fossem folhas seccas, 3 botes que estavam presos aos guindastes e quatro bois que estavam na prôa. No interior do navio era grande a confusão e o terror; um alarido immenso de gritos, choros e preces, que fazia arripiar os cabellos.

A tempestade foi-se tornando cada vez mais tormentosa durante a noite. Ao despontar a aurora cresceu ainda. As ondas alterosas, flagellando o vapor obliquamente, rebentavam sobre a coberta e despedaçavam, lambiam e levavam comsigo tudo quanto encontravam. A plata-forma que cobria a machina arrombou-se, e a agua precipitou-se com um estrepito horrivel; as fornalhas apagaram-se e os machinistas fugiram; jorros d'agua impetuosos penetravam por toda a parte. Uma vez potente gritou:—A's bombas! Era a voz do capitão. Os marinhiros correram ás bombas. Mas um golpe de mar repentino, atacando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e uma torrente invadiu o navio. Todos os passageiros, mais mortos que vivos, se tinham refugiado na sala grande. N'um certo ponto appareceu o capitão.

— Capitão! capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Estamos em perigo? Ha esperança? Salve-nos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente!

— Resignemo-nos.

Só uma mulher soltou um grito:—Piedade!—Ningem mais pronunciou uma palavra.

O terror tinha-os paralysado a todos. Muito tempo se passou assim, n'um silencio sepulchral.

O mar cada vez se enfurecia mais!—horrivel! O navio balouçava pesadamente. N'um dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco salva-vidas. Cinco marinheiros entraram n'elle, e o barco arriou. mas foi logo envolvido por uma onda, afogando-se dois marinheiros, um d'elles o italiano. Os outros a custo conseguiram, aferrando-se aos cabos, tornar a subir. Depois d'isto os proprios marinheiros perderam a coragem.

Duas horas depois estava o navio, já immerso na agua até á altura das enxarcias. Uma scena horrorosa se passava no emtanto sobre a coberta. As mães cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se, fazendo as ultimas despedidas; alguns desciam aos camarotes para morrer sem ver o mar. Um viajante disparou uma pistola na cabeça e cahiu de bruços sobre a escada do dormitorio, onde expirou.

Muitos agarravam-se freneticamente uns aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horriveis. Alguns estavam ajoelhados em volta do padre. Ouvia-se um coro de suspiros e lamentos infantis, de vozes agudas e estranhas; e viam-se aqui e ali pessoas immoveis como estatuas, pasmadas, com as pupillas dilatadas e sem vista, faces de cadaveres e de loucos. Os dois pequenos, Mario e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos fixos, como insensatos. O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente. Poucos minutos restariam ainda.

— A lancha ao mar! gritou o capitão.

Uma lancha, a ultima que ficara, foi lançada á agua, e quatorze marinheiros com tres passageiros entraram n'ella. O capitão ficou a bordo.

— Desça comnosco, gritaram os de baixo.

— Devo morrer no meu posto!—respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio, gritavam os marinheiros. Salvar-nos-hemos. Se fica, está perdido.

— Eu fico.

— Ha ainda um logar! gritaram de novo os marinheiros, dirigindo-se aos outros viajantes. Uma mulher!

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo commandante, mas á vista da distancia a que se achava a lancha, não se sentiu com coragem de dar o salto, e tornou a cahir sobre o convez. As outras estavam quasi todas desmaiadas e moribundas.

— Um rapaz! gritaram ainda os marinheiros.

A'quella voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até ali como petrificados por um extraordinario assombro, despertados repentinamente pelo violento instincto da vida, desprenderam-se n'um impulso, do mastro, e lançando-se sobre a borda do navio gritaram a uma voz:

— A mim! a mim!—procurando empurrar-se um ao outro para traz, como duas feras enfurecidas.

— A lancha está sobrecarregada. O mais pequeno.

Ao ouvir aquellas palavras, a rapariga deixou cahir os braços como fulminada, e permaneceu immovel, olhando Mario com olhos amortecidos. Mario, depois de fixal-a um instante, viu a mancha de sangue sobre o peito, d'ella recordou-se, e o lampejo d'uma ideia divina illuminou-lhe o rosto.

— O mais pequeno! gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciencia. Nós partimos.

Então, Mario, com uma voz que não parecia a sua, gritou:

Ella é mais leve. Vae tu, Julieta: tu tens pae e mãe: eu sou só. Dou-te o meu logar!—Vae, desce.

— Deita-a ao mar—disseram os marinheiros.

Mario agarrou Julieta pela cintura e atirou-a ao mar. A rapariga deu um grito, e mergulhou. Um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para cima da lancha. O rapaz ficou direito na borda do navio, com a fronte erguida, os cabellos ao vento, immovel, tranquillo, sublime. A barca moveu-se e fel-o apenas a tempo de escapar-se do movimento vertiginoso da agua, produzido pela submersão do navio, que esteve a ponto de voltal-a. Então Julieta, estando até áquelle ponto quasi insensivel, levantou os olhos para Mario e desatou em copioso pranto.

— Adeus! Mario!—gritou-lhe entre soluços, com os braços estendidos para elle. Adeus! Adeus!

— Adeus! respondeu o rapaz levantando a mão.

A lancha afastava-se velozmente sobre o mar agitado, debaixo de um ceu tetrico. Não se ouviu uma unica voz a bordo do navio. A agua lambia já as bordas da embarcação. De repente o rapaz cahiu de joelhos com as mãos juntas e os olhos no ceu. A rapariga cobriu o rosto com as mãos. Quando ergueu a cabeça, estendeu a vista sobre o mar:—o navio tinha desapparecido!

Edmundo de Amicis.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 21

Despachos da secretaria geral do ministerio das obras publicas.

Appandice—Relatorio dos serviços anti-phylloxericos da circumscripção do norte, referido ao anno de 1887.

Diario de 23

Annuncio de estar aberto concurso documental pelo praso de 30 dias para o provimento das parochias de Almaceda, no concelho de S. Vicente da Beira: Dellães, no de Famalicão; Gemeses, no de Espozende; Pega, no da Guarda; Pezajoia, no de Lamego; e Porto da Carne, no da Guarda.

82

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ
OU
O REGRESSO DO CRUZADO

Julgou-o então atacado d'um accesso de vertigem; e presistindo na sua primeira intenção, tornou a puxar dos instrumentos. Mas Isaac depressa o convenceu do seu erro.

— Filha da dôr, exclamou elle, dever-te-hiam ter chamado *Benoni* em vez de *Rebecca*. É possivel que a tua perda me conduza ao tumulo? É possivel que, com a amargura da alma, eu amaldiçoe Deus, e morra!

— Que estais a dizer, irmão? disse o rabbino; sois um filho de Israel para fallardes assim? persuado-me que a filha da vossa caza ainda vive.

— Vive, respondeu Isaac, mas como Daniel na cova dos leões. É captiva dos filhos de Belial, que vão exercer as suas crueldades sobre ella, sem piedade dos seus verdes annos, nem da sua innocencia. Era como uma corôa de verdes palmas para os meus cabellos brancos, e eil-a quebrada em uma noute, como a cabeça de Jonah! Filha do meu amor, filha da minha velhice! O' Rebecca! filha de Rachel! as trévas do mundo já te estão rodeando!

— Mas que é o que contém esse bilheté? não diz elle nada do que se póde fazer para o seu livramento?

— Lêde, meu irmão, lêde, pois que os meus olhos estão escurecidos pelas lagrimas.

Tomou o rabbino o bilhete de Rebecca, e leu em hebreu o que se segue:

«*A Isaac, filho d'Adonikam, que os gentios chamam Isaac d'York. A benção do Promettido seja deitada sobre elle.*

Meu pai.—Estou condemnada á morte por um crime que eu não conheço, pelo crime de feitiçaria.

Se se poder achar um homem valente para defender a minha causa com a lança e com a espada, conforme os usos dos nazarenos, no campo de S. Jorge, em trez dias contando com este, Deus lhe dará talvez forças bastantes para fazer triumphar a innocencia desprovida de todos os outros soccorros. Se se não achar ninguem, desde já poderão chorar-me as donzellas da nossa tribu, como sobre a flôr abatida pela fouce do ceifeiro. Procurai pois um soccorro onde julgardes poder encontral-o. Um guerreiro nazareno, Wilfred, filho de Cedric, que os gentios chamam Ivanhoé, consentiria, segundo me persuado, em tomar as armas por mim; mas elle não póde achar-se ainda em estado de suster o peso da sua armadura. Comtudo, meu pai, instrui-o da minha situação, pois elle tem amigos entre as pessoas influentes do seu povo; e, como foi nosso companheiro de escravidão, não duvido que me ache um defensor. Dizei-lhe igualmente, dizei a Wilfred, filho de Cedric, que Rebecca, viva ou morta, viverá, ou morrerá innocente do crime de que a accusam. Se é da vontade de Deus que vós sejais privado da vossa filha, não fiqueis mais tempo n'esta terra de sangue, e retirai-vos para Cordova, onde vosso irmão vive em segurança á sombra do throno do sarraceno Brabdil; pois que as crueldades dos mouros contra a raça de Jacob são mais supportaveis do que as dos nazarenos de Inglaterra.

Isaac escutou com socego a leitura d'esta carta; mas, assim que ella se acabou, continuou as suas demonstrações de dor á maneira oriental, lançando terra sobre a cabeça, rasgando os seus vestidos, e exclamando:

— Minha filha, minha Rebecca! carne da minha carne! ossos dos meus ossos!

— Tomai animo, lhe disse o rabbino: a magua não remedeia nada. Apertai a vossa cinta, e procurai esse Wilfred, filho de Cedric. Talvez que elle vos dê alguns conselhos uteis, ou alguns soccorros, pois que é o favorito de Ricardo, que os nazarenos chamam Coração-de-Leão, e que geralmente se assegura ter chegado a este paiz. Talvez que elle obtenha d'elle uma carta e o seu sello para impedir a estes homens sanguinarios, que tomam o nome do santo templo em sua deshonra, de pôr em execução a iniqua sentença.

— Procural-o-hei, disse Isaac, pois é um bom moço, e tem compaixão dos desterrados da terra de Jacob. Mas elle não está ainda em estado de pegar nas armas, e qual outro christão quereria combater por uma filha de Sião?

— Fallais como um homem que conhece pouco os gentios. Com ouro comparareis a coragem d'elles, e a vossa segurança. Coragem! e occupai-vos immediatamente de achar o tal Wilfred d'Ivanhoé. Pelo meu lado, vou trabalhar para vós, pois seria um grande peccado não ajudar o meu irmão em uma tal calamidade. Vou partir para York, estão lá reunidos immensos guerreiros, talvez ache entre elles algum que queira tomar as armas em defeza da vossa filha; pois que o ouro é o seu Des, e por ouro são capazes de empenhar a vida com os bens que possuem... Executareis todas as promessas que eu fizer em vosso nome, meu irmão?

— De certo, de certo! abençoado seja o céu que me envia um tal apoio na minha miseria... Porém não lhes concedais d'uma vez tudo o que elles vos pedirem; tratai bem os meus interesses. Ha tal entre esses malditos nazarenos que pretendendo ao primeiro impulso marcos d'ouro, se contenta depois com onças... No mais, fazei como melhor poderdes, pois que estou n'uma desesperação: de que me servirá todo o meu ouro se perco minha filha?

— Adeus, disse Nathan; é tempo de caminhar. Possa o socego entrar no teu coração.

Abraçaram-se, e partiu cada um por sua estrada differente.

Higg, filho de Snell, tinha ficado junto a elles durante toda a conversa, que não percebeu, visto que fallavam em hebreu, e seguiu-os depois com a vista por algum tempo.

— Estes malditos judeus, disse elle, quando os perdeu de vista, não me prestaram mais attenção do que se eu fosse um turco, um pagão, ou um judeu circumcisado como elles! Bem me poderiam ter lançado um sequim ou dous. Eu não estava obrigado a trazer-lhes aquella escrevinhadella, com risco de ser enfeitiçado, como bastante gente honrada me disse. Que bem me póde fazer o ouro que me deu aquella rapariga, se quando eu me fôr confessar para a pascoa que vem, me obrigarem a dar para o mialheiro da igreja o dobro do que recebi, por penitencia, e se ainda por cima me chamarem toda vida o mensageiro coxo dos judeus. Persuado-me que ella enfeitiçou-me realmente para me decidir a encarregar-me da sua commissão. Mas ella sempre enfeitiçou todos os que se chegaram para ella, judeus como christãos; ninguem póde recusar-lhe cousa alguma e eu daria a minha loja e a minha ferramenta para lhe salvar a vida.

XXXIX

> Posto que sejas incapaz de flamma,
> Meu peito como o teu é orgulhoso.
>
> *Seward.*

O dia em que se tinha sentenciado Rebecca estava quasi passado; o crepusculo succedia já á claridade do sol quando a bella judia, sempre fiel aos deveres da sua religião, tendo feito a sua reza da noute, sentiu bater de vagar á porta do quarto que lhe servia de prisão. O que não obstante continuava Rebecca a cantar os louvores do Deus de Israel, conforme costumava fazer pela manhã e á noute.

Quando os accentos de Rebecca cessaram de se ouvir, bateram de novo á porta.

— Entrai, se sois um amigo, diz ella; e, quando mesmo fosseis um inimigo, não teria meio nenhum de vos impedir.

— Forçosamente deverei ser teu amigo, ou inimigo; respondeu Bois-Guilbert entrando, conforme o resultado da nossa entrevista.

Assustada á vista d'este homem, cuja paixão criminosa era a causa de todos os seus infortunios, Rebecca recuou até á outra extremidade do quarto, mais inquieta do que timida; e ficou ali em pé determinada a fugir para tão longe quanto o quarto o permitisse, mas a defender-se com valor se fosse obrigada a parar. Não parecia desafial-o, porém mostrava estar resolvida a tudo.

— Não tendes motivo para de mim te arreceares, Rebecca, continuou o templario; ao menos na actual occasião.

— Não vos temo, respondeu Rebecca, ainda que a sua respiração opprimida parecesse desmentir o heroismo de suas palavras: puz em Deus toda a minha confiança, e d'elle ha de vir a minha força.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

25 DE JANEIRO DE 1889.

A sessão de hoje vae correndo placidamente apesar de se ter annunciado o apparecimento *d'incidente*—sob qualquer pretexto.

Oque se passou na sessão anterior é o que já sabem todos. Se os factos, que todos partem da opposição, tiverem de repetir-se, as camaras serão adiadas, e o paiz, na epoca competente, terá de escolher gente que não venha inverter, na representação nacional, os deveres, já não digo só de verdadeiro patriotismo, mas os da mais austéra delicadeza parlamentar. O que tem succedido não é isso e é preciso emfim que o seja.

— O telegramma expedido pelo sr. Antonio de Serpa á associação commercial do Porto, affirmando-lhe «que quando fôr poder ha-de derrogar a criação da companhia vinicola e a lei do sello, é a prova mais clara do desvairamento em que se acha a razão do chefe do pseudo partido regenerador. Aquillo já não regula—a intelligencia, que foi lucida, perdeu-a de todo a paixão politica—perderam-a os annos e a ambição do poder. Nada fará com isso o velho politico. Partido desconexo, partido perdido, a sua restauração é um impossivel móral, que nenhuma circumstancia póde effectuar. Comprehendam-o assim os illudidos. O governo está seguro e forte e nada tem que receiar dos esforços dos seus adversarios. E' positivo.

— No discurso do sr. Eduardo de Abreu, proferido na sessão de quarta-feira, ha periodos de verdadeira eloquencia e de profunda verdade, que é mister registar. O sr. Eduardo d'Abreu podia ser, politicamente, inconveniente em alguns pontos; mas foi grande de eloquencia e de verdade. E se não, vejam a seguinte parte do seu discurso:

……

> —O Porto inventou as commissões de vigilancia contra os actos do poder executivo, e com ellas quer legislar em assumptos de administração publica, convertendo-se n'um quinto poder do Estado. Mas se o Porto, por ser depositario do coração de D. Pedro IV, se colloca assim em frente dos poderes publicos com o musculo real na mão, tambem os habitantes de Alger, de Tunis, de Larache, de Alcacer-quibir, os vendedores de tamaras de Marrocos e os ferradores de cavallos do deserto, pódem vir impôr-se ao governo, allegando terem em seu poder os despojos de uma creança heroica, de um principe que pelo seu genio guerreiro e cavalheiroso se impõe á admiração de todos. Deixemos, portanto, em paz o coração de D. Pedro IV, em que tanto falla a calçada dos Clerigos quando se tracta de chitas, a rua das Flores quando se tracta de broches, a rua dos Inglezes quando se tracta de vinhos, e a praça do Anjo quando se tracta de pão...
>
> —Pôz-se no Porto a bandeira a meio-pau. Ora, eu quasi peço a v. ex.ª, sr. presidente, que junte a sua bolsa á minha, a fim de mandarmos ao Porto um continuo, para saber se a bandeira nacional que está tremulando hoje no edificio da Associação Commercial é a mesma que tremulou hontem quando se deu a catastrophe do theatro Baquet, que abysmou o paiz n'uma grande dôr, e se é a mesma que tremulará amanhã se uma grande affronta fôr cuspida pelo estrangeiro nas faces do nosso paiz. Se a bandeira fôr a mesma, eu peço, em nome da camara, que ella seja queimada, porque uma bandeira que annunciou hontem uma grande dôr ao paiz, e que ámanhã póde annunciar outra maior, não deve servir para proteger os interesses da rua dos Inglezes e da rua dos Clerigos.
>
> —Queria vêr a heroicidade dos commerciantes do Porto, e se elles teriam, na hora do perigo, as barrigas com o mesmo peso especifico que teem agora!
>
> —E' necessario que o governo, ainda que tenha de succumbir, o faça com honra e dignidade. E' possivel que o movimento do Porto se alastre: o tempo está bello, em Villa Nova de Gaya ha 15:000 pipas de vinhos, e com 15:000 pipas fazem-se 15:000 bernardas!
>
> —Vou terminar, mas fazendo um respeitoso pedido ao governo de Sua Magestade. Peço-lhe que esgote todos os meios aconselhados pela sua sciencia e circumspecção para acalmar os gritos dos portuenses; mas se o não conseguir, tome o pulso á agitação e não podendo abrandal-a com uma massagem, applique-lhe uma sangria!»

E' realmente admiravel de verdade e de eloquencia—com quanto não seja superiormente politico.

— Na sessão da camara dos pares de ante-hontem o sr. Antonio de Serpa fez a seguinte declaração:

> «Que eram tão radicaes as suas opiniões, na questão dos vinhos do Porto, que, se elle viesse a influir n'alguma situação politica n'esta terra, havia de fazer abolir legalmente o contracto com a real companhia dos vinhos do Norte, e em quanto elle não fosse abolido fazer contrariar as consequencias d'aquelle contracto, que julga prejudicialissimo ao paiz.»

A quanto obriga a politica! D'estas declarações expediram-se logo participações para toda a parte, e o proprio sr. Antonio de Serpa as expediu em *telegramma* para a Associação Commercial do Porto! Quanto póde no espirito do velho chefio, o desejo de governar!

— A requerimento de um grupo de socios da Associação Commercial de Lisboa, para tratar da questão da sellagem, reuniu na quarta-feira á noite a assembléa geral da mesma associação. Presidiu o sr. Polycarpo Anjos, servindo de secretarios os srs. Adriano da Costa e Mello e Sousa. A sessão, a que estiveram presentes 105 socios, durou desde as 8 horas até cerca da meia noite. Depois de larga e calorosa discussão, em que tomaram parte os srs.: Joaquim Augusto dos Santos, Crespo, Miguel Henriques dos Santos, Ribeiro Ferreira, Elysio dos Santos, Mello e Sousa, Leite Ribeiro, Simões d'Almeida, Adriano da Costa, Schrœter, Saraiva e Cupertino Ribeiro, foi approvada a seguinte moção apresentada pela direcção:

> «A assembléa geral da associação commercial de Lisboa, fazendo inteira justiça ás intenções louvaveis com que o governo de Sua Magestade se empenha no emprego da sellagem de tecidos, como um meio valioso, a seu ver, de combater o contrabando tão nocivo para o interesse geral do paiz, e não desejando levantar difficuldades á administração publica, nem enfraquecer a sua acção de que dependem essencialmente as felicidades do povo, resolve, só por isso acceitar a sellagem de tecidos em principio, sendo annullado por completo o regulamento de novembro de 1888 e bem assim a ordem para a sellagem facultativa, e nomeada uma commissão encarregada de formular um novo regulamento, pelo modo menos incommodo para o commercio e para a industria, e tambem encarregada de determinar os artigos que, no menor numero possivel, tem de ser sujeitos a sello, fazendo parte da commissão, commerciantes e industriaes indicados, a convite do governo. pelas respectivas associações.»

Foi regeitada uma proposta apresentada pelo sr. Simões d'Almeida, sendo approvada a do sr. Henrique dos Santos, do theor seguinte:

> «A assembléa, ouvidas as declarações da direcção, reconheceu que esta se tem conduzido pela fórma mais correcta e digna, louva-a pelo seu procedimento e, fia da sua illustração e fino criterio, de que continuará como até aqui, defendendo os interesses legitimos do commercio, que tão dignamente representa.»

Deram-se n'esta assembléa episodios interessantissimos, que a falta de tempo me inhibe de reproduzir. Um socio, que pediu um voto de louvor para a commissão do Porto, foi pateado; o orador ficou tão descomposto, que não poude articular nem mais um monossylabo; mais tarde, retirou a proposta que enviára para a meza. O resto da commissão, quando partiu para a cidade invicta, na impossibilidade de *esganar o sr. Marianno de Carvalho*, accentuou bem que a adhesão do commercio de Lisboa era absolutamente indispensavel. Ahi tem a adhesão!

— O sr. ministro da justiça, em resposta ao sr. barão de Massarellos, digno presidente da Associação Commercial do Porto, mandou-lhe o seguinte telegramma:

> «Ao telegramma de v. ex.ª, cujos delicados termos agradeço, felicito-me por poder communicar-lhe que hoje na camara electiva tive ensejo de manifestar a minha consideração pela cidade do Porto, e de declarar o vivo desejo que tenho de concorrer, na questão presente, para uma solução em que, salva a dignidade do poder, se procure, d'accordo com os interesses publicos, dar satisfação á reclamação do commercio. Mui to folgarei por que os acontecimentos facilitem a minha missão, proporcionando-me assim occasião de mostrar ao Porto e em particular á Associação Commercial quanto desejo corresponder ás successivas manifestações de confiança que me tem dispensado.»

Isto prova que o Porto não está sem representante no parlamento.

— Vae melhor o sr. infante D. Augusto, podendo mesmo affirmar-se que sua alteza entrou no periodo de franca convalescença.

— Consta que é transferido, por conveniencia do serviço, o sr. João Carlos Breda de Mello, escrivão de fazenda do concelho d'Oliveira do Bairro, para a repartição de fazenda do districto de Coimbra. Para Oliveira consta que irá o sr. Fortunato Lebre, actual escripturario de Anadia, e empregado muito habil.

— Já aqui está o illustre deputado pelo circulo da Feira, sr. Corrêa Leal.

— O commissario districtal do corpo de policia fiscal, sr. Francisco Sanches de Castro, acompanhado dos empregados da mesma policia, srs. Alvaro Tristão da Camara Junior e Viriato Cesar d'Almeida Teixeira, apprehenderam ante-hontem na hospedaria do Lazareto, a Thomaz Wenceslau de Carvalho Serra 9:965 litros de vinho e de bebidas alcoolicas 3:633 litros, no valor approximado de 4:308$780 reis. Não se desenganam de que é mau contrabandiar e as consequencias são estas—mau grado d'elles.

— Falleceu na Madeira o sr. conde da Praia da Victoria. Era um liberal de profundas crenças, de muitos serviços e um progressista de lei.

— Os corpos de lanceiros n.º 2 e de cavallaria 4 receberam um reforço de 30 praças cada um, reforço que para aqui veio do 8 de cavallaria, que está em Castello Branco.

— Falleceu ha annos em Lisboa um sujeito que possuia uma fortuna no valor de 100:000$000 réis. Como não tinha herdeiros forçados, fez testamento em favor d'uma irmandade qualquer. O testamento não appareceu, entrando um *parente* affastado na posse da fortuna. Agora um individuo denunciou aquelle parente, como tendo feito desapparecer o testamento, e promette fazer entrar a irmandade na posse dos cem contos, se lhe derem a terça parte. Veremos o que se apura do caso, que é importante.

— A exportação de laranja de Ponta Delgada para Londres deu este anno resultados negativos. As primeiras remessas não deram para os fretes. E' mais um mal que se accrescenta a outros que assombram já os negocios da ilha de S. Miguel.

— Acaba de chegar o paquete do Rio de Janeiro. As noticias alcançam a 9 do corrente. Os inspectores de hygiene e de saude dirigiram um officio ao ministro do imperio, propondo que não desembarquem os emigrantes europeus no porto d'aquella cidade, evitando-se d'este modo os inconvenientes de ali entrarem emigrantes, grassando a febre amarella. Os paquetes que os conduzirem seguirão directamente para a ilha Grande, d'onde os europeus, depois de alguma demora, partirão para os seus destinos. O governo ia acceitar o alvitre. No mez de dezembro chegaram ao Rio 12:519 emigrantes, sendo 1:800 portuguezes, dos quaes 739 açorianos.

— Em Tuy foram presos 45 portuguezes, que pretendiam embarcar clandestinamente para o Brazil, saindo de Vigo. Aqui foram hontem presos mais dois que seguiam o mesmo destino.

Y.

—

A' ultima hora.—Tinha acabado de escrever as linhas que iniciam esta carta quando tive conhecimento de que a sessão de hoje se fechou tambem em tumulto!

Não ha que vêr. Aquella gente não entra na ordem: é indispensavel oppôr a força da lei e da auctoridade a tantos desregramentos.

Estava o sr. Eduardo d'Abreu a formular a sua proposta de voto de confiança ao governo, depois de ter dado as mais plenas satisfações ao Porto, quando a opposição, capitaneada pelos srs. Hintze Ribeiro, Manuel Vaz e outros pares, que se achavam na sala, levam o sr. deputado João Pinto a fazer increpações injustas ao sr. presidente do conselho. Este cavalheiro respondeu dignamente e d'ahi o levantamento da desordem que estava premeditada e que devia rebentar forçosamente—porque é a base d'um plano que hade continuar-se ámanhã.

O que se está passando é positivamente impossivel e não póde e não hade continuar.

Esperemos os acontecimentos.

Y.

CARTA DO PORTO

26 DE JANEIRO DE 1889.

Terminou o conflicto. Os negocios entraram na normalidade do seu giro e nada ha que faça pre-suppôr o reaparecimento de novos transtornos. E' que a convicção de que são improficuos os esforços da opposição, que pretende estabelecer a desordem em toda a parte, chegou a todos os espiritos.

A razão prevaleceu em fim e isso é motivo para todos nos darmos reciprocos parabens.

Os negociantes de vinhos vão readmittir os seus operarios e vão fazer compras de vinho no Douro. Determina-lh'o assim o movel dos seus proprios interesses, interesses de que tanto teem descurado para darem largas a mal entendidos caprichos.

Como tudo entrou na ordem, na ordem que a todos convém, ponho aqui ponto n'estas linhas.

Z.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

EDITAL

Manuel Pereira da Cruz, medico cirurgião pela escola do Porto, vice-presidente da commissão do recenseamento eleitoral do concelho d'Aveiro, servindo de presidente no impedimento do effectivo:

FAZ saber que esta commissão se acha installada nos Paços do concelho e nas salas das sessões da Camara Municipal, onde celebra as suas sessões em todos os dias não sanctificados das 10 horas da manhã ás 2 da tarde e ahi recebe todos os esclarecimentos, petições e reclamações que na fórma da lei lhe forem apresentados.

Aveiro e Sala das sessões da commissão do recenseamento eleitoral d'este concelho, 25 de janeiro de 1889.

O Vice-presidente servindo de presidente
Manuel Pereira da Cruz.

CAZA PARA ALUGAR

NA rua de Castro Mattoso, em frente do chafariz do Caes, aluga-se uma boa caza para familia e para negocio, pois que já ali esteve um botequim muito concorrido. Quem a pretender póde fallar com seu dono, Luiz Gonçalves Moreira, que vive na Barra, ou com o sr. José Pereira Junior, na rua da Costeira. E' a caza que faz esquina na viella de S. Braz, e que desemboca no largo em frente do Caes.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127
COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO
A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

A QUEM CONVIER

A Commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz publico que arrenda a casa onde esteve o *Asylo de José Estevão*; bem como annuncia que tem 300$000 reis para dar a juros. Trata-se com

O Escrivão da Commissão Administrativa,
Padre Francisco da Costa, Junior.

ANNUNCIO

O bacharel Alberto de Sousa Leitão, delegado do procurador régio na comarca d'Aveiro, secretario do tribunal do commercio de primeira instancia na mesma comarca, por S. M. F. El-Rei, etc.

FAÇO saber que, d'hoje em deante, por conveniencia de serviço, fica transferido o archivo dos livros destinados ao registo commercial d'esta delegação para o cartorio do escrivão privativo do tribunal do commercio, Antonio Augusto Duarte e Silva, e alterada a hora do registo, primitivamente annunciada, para das dez da manhã ás duas da tarde: fica affixado á porta do cartorio.

Comarca d'Aveiro, 23 de janeiro de 1889.

O Secretario
Alberto José da Silva de Sousa Leitão.

ANNUNCIO

VENDE-SE no dia 27 do corrente mez de janeiro, em hasta publica, que começará ás 10 horas da manhã, uma casa de um andar, sita na rua de S. Roque, de esta cidade, e pertencente a Luiza Roza Ferreira da Cruz.

DOENÇAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES
Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura RAQUIN
e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubᵍ St Denis, PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

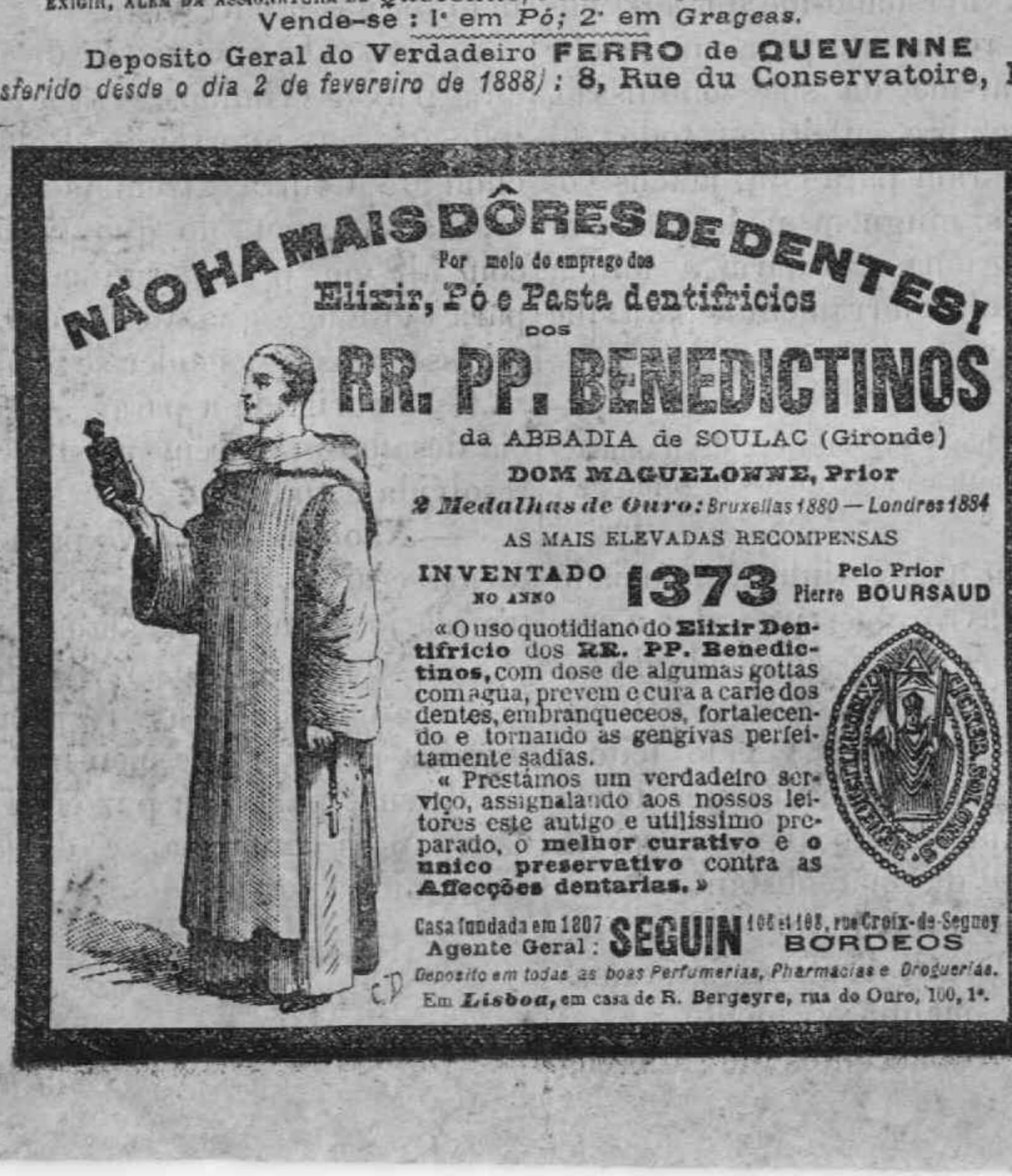
BERNARDINO, FIHOS & RIBEIRO
NEGOCIANTES E IMPORTADORES DE MADEIRAS

Possuem o mais vasto sortimento d'este genero por preços sem competencia.

39 a 55, Rua Nova do Caes do Tojo, 39 a 55
POÇO DO BORRÁTEM, 15

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela
ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.
DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA *"Union des Fabricants."*
Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas*.
Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO** de **QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**



NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!
Por meio do emprego dos
Elixir, Pó e Pasta dentifricios
DOS
RR. PP. BENEDICTINOS
da ABBADIA de SOULAC (Gironde)
DOM MAGUELONNE, Prior
2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884
AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS
INVENTADO NO ANNO 1373 Pelo Prior Pierre BOURSAUD

«O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, previne e cura a carie dos dentes, embranquece-os, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

« Prestámos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e o **unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.**»

Casa fundada em 1807 Agente Geral: SEGUIN 106 et 108, rue Croix-de-Seguey BORDEOS
Deposito em todas as boas Perfumerias, Pharmacias e Droguerias.
Em **Lisboa**, em casa de R. Bergeyre, rua do Ouro, 100, 1º.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de Jose Estevão-79

AVEIRO

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" DE NUEVA-YORK PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida d *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

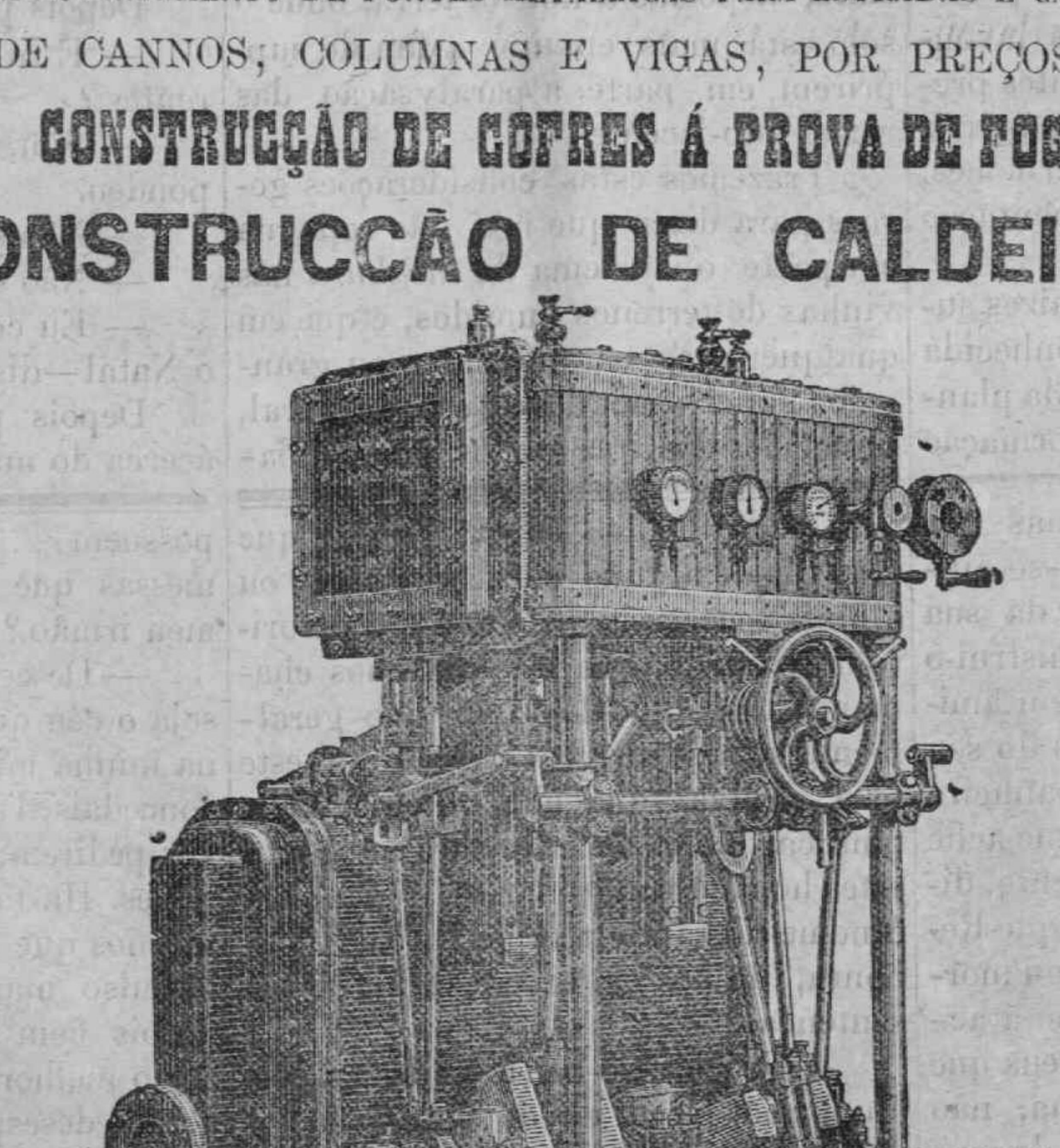
CONSTRUCCÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCCÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa. *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ondese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

ADMINISTRAÇÃO
DA
MATTA E SANCTUARIO DO BUSSACO
ANNUNCIO
Construcção das novas portas e cazas de guardas annexas

FAZ-SE publico que no dia 31 de janeiro, pelas 11 horas da manhã, na Administração da Matta do Bussaco, se ha-de proceder á arrematação de 6 tarefas constantes do mappa abaixo, para a construcção das referidas portas e cazas de guarda, podendo a pedra para alvenaria e saibro ser extrahido da mesma Matta e proximo do local das obras.

Dssignação dos fornecimentos	*Quantidade*	Base de licitação		*Deposito provisorio*
		Preço	*Importancia*	
CONSTRUCÇÃO DAS PORTAS DO RAMAL E DAS LAPAS E CAZAS DE GUARDAS ANNEXAS				
Tarefa n.º 1				
Portas do ramal e caza de guarda				
Excavação em fundações e transporte..	27m3,05	95	2$575	
Alvenaria ordinaria nas fundações.....	27m3,05	1$900	51$395	
» » acima das fundações.	99m3,75	2$100	209$475	
» » de tijolo........	22m3,67	6$000	136$020	
Construcção de cimalha de tijolo guarnecida........	22m1,60	900	23$490	12$039
Cobertura pelo systhema mouriscado..	14m2,40	500	7$200	
Construcção de beiral............	16m1,00	200	3$200	
Reboucos e guarnecimentos de branco.	150m2,01	120	18$001	
Idem com côr..................	188m2,98	160	30$236	
Somma......			481$592	
Tarefa n.º 2				
Porta das Lapas e caza de guarda				
Excavações para fundações e transporte.	47m3,67	95	4$528	
Alvenaria ordinaria nas fundações....	47m3,67	1$900	90$573	
Alvenaria ordinaria acima das fundações e assentamento de cantaria....	91m3,19	2$100	191$499	
Alvenaria de tijolo..............	19m3,17	6$000	115$020	12$194
Construcção de cimalha guarnecida...	85m1,42	900	76$878	
Cobertura pelo systhema mouriscado..	17,08	500	8$540	
Construcção de beiral............	3,80	200	760	
Somma......			487$798	
Tarefa n.º 3				
Rebouco e guarnecimento com côr na massa..................	321m,57	160	51$451	
Rebouco e estuque com côr na massa..	185,84	400	74$336	3$134
Somma......			121$787	
Tarefa n.º 4				
Cantaria d'Outil apparelhada em vãos de portas, janellas, degraus, cimalha, cordão, etc......	13,864	22$000	305$008	7$625
Tarefa n.º 5				
CONSTRUCÇÃO DA PORTA DE LUZO E MELHORAMENTO DA CAZA DE GUARDA QUE SERVE DE ANNEXO				
Excavação para fundações e transporte.	40,46	180	7$282	
Alvenaria em fundações..........	42,14	1$900	80$066	
Idem acima das fundações e assentamento de cantaria..........	96,87	2$100	203$427	
Alvenaria de tijolo..............	5,936	6$000	35$616	
Cimalha de tijolo guarnecida.......	49,00	900	44$100	12$395
Cobertura com telha systhema mouriscado............	34,05	500	17$125	
Beiral e espigões..............	60,20	200	12$040	
Emboço e rebouco..............	481,03	200	96$209	
Somma......			495$832	
Tarefa n.º 6				
Cantaria d'Outil apparelhada em vãos de portas, janellas, degraus, cimalha, cordão..............	22,91	21$800	499$438	12$485

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento do valor da adjudicação.

2.º Proposta de preço em sobrescripto separado.

3.º Documento de ter feito o deposito provisorio.

As condições especiaes d'esta arrematação e desenhos respectivos acham-se patentes todos os dias na secretaria d'esta Administração.

Bussaco, 22 de janeiro de 1889.

O Conductor chefe dos trabalhos do Bussaco
Henrique Eugenio de Castro Rodrigues.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—Largo da Vera-Cruz
AVEIRO